



BRIGADA GAÚCHA



ANO 3
Nº 12

DEZEMBRO
1956

LEIA NESTA EDIÇÃO:

	Pág.
Editorial	1
Pioneiros da Impressão Digital — Maj. Barros Martins	3
Fôrça Policial Metropolitana — 2.º Ten. Carlos Jonatas Spalding e Phyllis Davies, do BNS	4
Literatura — Walter Spalding	11
A Arte de Prender — 2.º Ten. Aldo Danezi	12
Regionalismo — Índio Velho	14
Conceição — Mário Nunes	17
Aulinha de Polícia — 1.º Ten. Luiz Iponema	19
Fora de Forma Marche	22
Preta na Eficácia — Cap. Diomário Moojen	24
Equitação	28
Delinqüência Infantil — Maildes Alves de Mello	30
Há dez anos assim aconteceu — Jaci Rogo Barros	33
Teu cenário é uma beleza	34
Perseguido — Ten. Cel. Alfredo Jacques	36
Continho da I. B. C. M. — 1.º Ten. Amorim	39
A Brigado de Hoje — 2.º Ten. Carlos Jonatas Spalding	42
Grêmio Beneficente "João Adauto do Rosário"	44
20 Anos de Formatura	45
Galeria dos Bacharéis	48
Noticiário da Brigada Militar	
119.º	50
Ley Provincial n.º 7	51
No C.O.I. a primeira solenidade	52
Concluído mais um C.A.O.	54
Entrega de Condecorações	54
Troféu "Ten. Cel. Zalzano" — Ten. Nelson Amorelli Viano	55
Hipismo, Santana & o 119.º	58
O mais pesado que o ar	59
Homenagem ao Cel. Ildefonso	60
Penitenciariismo	62
O Ministro da Guerra visita a Brigada Militar	64
Patrono da Brigada Militar	65
Pavilhão Nacional à Cia. de Pol. Pedro e Paulo	66
Despediu-se da Brigada o Gen. Edgar do Amaral	67
O Cel. Agenor B. Feio na Brigada	68
O Cap. de Fragata Esposel visita a Fôrça	68



Na capa desta edição, ao fundo, publicamos os garbosos cadetes de nossa Fôrça desfilando em continência às autoridades, após terem recebido o ESPADIM TIRADENTES que aparece à côres em primeiro plano.

Com esta nossa capa, vai a nossa alegria em ver o Corpo de Cadetes Brigadianos trazer às ruas, juntamente com sua disciplina inquebrantável e belos fardamentos, um ESPADIM que de longe o identificará como integrante da Unidade elite da Brigada Militar.

O Cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, Comandante Geral, em boletim especial alusivo a data de adoção dos espadins, dá-nos o histórico e origem do ESPADIM TIRADENTES.

Tratando-se de um documento oficial, de grande valor, temos a honra de o transcrever para que, no futuro, as turmas que receberem o ESPADIM TIRADENTES saibam o que êle significa.

“Este Comando com ofício número 360-E/2, de 8 de junho de 1956, propôs ao Governo do Estado a adoção e uso, para os alunos do Curso de Formação de Oficiais, do “ESPADIM TIRADENTES”, considerando haver sido JOSÉ JOAQUIM DA SILVA XAVIER — o Tiradentes — por Lei Federal número 1208, de 29 de Abril de 1946, instituído Patrôno das Polícias Militares do Brasil.

Considerando que se encontra no simbolismo histórico do ideal que animou até ao martirio o eminente patriotá, farta motivação para a obra da manutenção da paz, da segurança e da soberania pátria, a cujo serviço se há, permanentemente, votado a Brigada Militar;

Considerando que é no culto votivo dos grandes vultos da nacionalidade que as gerações atuais — e especialmente a juventude — devem haurir o entusiasmo e o incentivo necessários à sublimação do seu ideal patriótico;

Considerando, finalmente, que outras corporações policiais militares do Brasil já adotaram, para uso dos alunos de suas escolas de formação ao oficialato, a arma simbólica denominada ESPADIM DE TIRADENTES, criada por decreto federal número 38.808, de 20 de

março de 1956, para a Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal.

S. Exa. o Sr. Governador do Estado, pelo Decreto número 7.123, de 9 de julho do ano em curso, atendendo as ponderações expostas por êste Comando, resolveu mandar adotar no CFO da Brigada Militar do Estado o ESPADIM TIRADENTES, nos seguintes têrmos:

“ILDO MENEGHETTI, Governador do Estado do Rio Grande do Sul, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, inciso II, da Constituição Estadual de 1947, DECRETA :

Art. 1.º — E' adotado no Curso de Formação de Oficiais da Brigada Militar do Estado, para uso privativo dos alunos-oficiais, o ESPADIM TIRADENTES, criado por decreto federal número 38.808, de 20 de março de 1956, consoante o respectivo histórico e modêlo que vão anexos.

Art. 2.º — Ao Comandante Geral da Brigada Militar fica atribuída a competência da regulamentação concernente à outorga, posse e uso do ESPADIM TIRADENTES, pelos alunos do referido Curso.

Art. 3.º — Êste decreto entrará em vigor na data da publicação, revogadas as disposições em contrário.

PALÁCIO PIRATINÍ, em Pôrto Alegre, 9 de julho de 1956.

ILDO MENEGHETTI

Governador do Estado

WALTER P. BARCELLOS

Secretário de Interior e Justiça”.

Alunos do Curso de Formação de Oficiais!

Êste é o histórico do ESPADIM que hoje vos é outorgado.

Deveis usá-lo e honrá-lo durante vosso currículo e passá-lo, sem macula, aos vossos sucessores.

Êle perpetuará, pelo futuro afora, o espírito do Curso, espírito êsse que vós próprios estais forjando, com vosso esforço, vossa dedicação, vosso valor, vosso caráter e vosso exemplo.

Em honra de seu patrôno, símbolo da tenacidade, espírito de sacrificio e amor à Pátria, esperamos que saibam todos cultivar sua memória e como melhor o fareis senão pela prática dessas virtudes?

Nos dias agitados que correm, nestes dias tumultuosos em que nuvens ameaçadoras pairam sôbre o mundo, o homem se debate na ânsia de encontrar a própria felicidade no mais sórdido e frio egocentrismo. Eis, jovens alunos-oficiais, porque, agora mais do que nunca, precisa o Brasil de homens desprendidos que saibam amá-lo, de homens que não meçam sacrificios para servi-lo, de homens que sobreponham o amor à Pátria aos seus próprios interesses e diferenças.

Meditai, pois, na nobreza do simbolismo dêste ESPADIM que acabais de receber e, com o espírito voltado para o belo exemplo de TIRADENTES, cultuai sua memória, em ações e pensamentos, servindo, com o melhor de vossos esforços e sem medir sacrificios, à nossa querida Brigada, ao Rio Grande e ao Brasil.”

Pioneiros da Impressão Digital

Compilação do maj Barros Martins

Professor do CAO e CTPO

Proseguindo o nosso passeio mental pela história da Dactiloscopia, vamos nos referir a João Evangelista Purkinje — diga-se PURKINIÉ, como ensina Manoel Viotti — notável fisiologista, natural da Bohemia, onde nasceu em Letmeritz, no ano de 1787. Em Breslau lecionou patologia e fisiologia, falecendo em 1869, na cidade de Praga onde exercia a cátedra na respectiva Universidade, lecionando fisiologia.

No ano de 1823 publicou a sua notável obra “Comentatio de examine organi visus et sistematis cutanei”, a que nos referimos no número anterior. Nessa obra, o consagrado mestre, tratando do exame da pele, analisou também seus caracteres externos indo até ao estudo dos poros. Vucetich escreveu que as suas descrições sobre o estudo da porosidade foram, em parte, copiadas do texto original, um de cujos exemplares, talvez único conhecido, é propriedade da biblioteca do Royal College of Surgeons de Londres, segundo afirma Manoel Viotti, em “Dactiloscopia e Policiologia”.

Seguindo-se ao mestre Purkinje, vem o grande anatómico alemão Emilio Huschke, nascido em Weimar, no ano de 1797, que foi professor da Universidade de Yena, onde faleceu em 1858. E' de sua autoria o trabalho intitulado “Tratado de splanchnologia e dos órgãos dos sentidos”. Nesse trabalho prosseguiu os estudos de seus antecessores, levando suas pesquisas e observações até ao confronto das mãos humanas com as dos macacos, examinando minuciosamente os desenhos por elas apresentados.

Segue-se José Engel, autor do “tratado do desenvolvimento da mão humana” no qual afirma que as linhas das falangetas são arqueadas porque seguem a direção da implantação ungueal respectiva, sendo que as mais próximas à articulação formam arcos e que no espaço compreendido entre êsses dois sistemas de linhas, notam-se desenhos bastantes variados.

Após Engel, encontramos o grande anatomista suíço Rodolfo Alberto Koliker, nascido em Zurich, em 1817. Em uma das suas brilhantes obras intitulada “Embriologia”, afirma ser axioma indiscutível a persistência dos desenhos papilares a partir do 4.º mês de vida inter-uterina perdurando até a decomposição cadavérica e consequente descolamento da derme. Seguindo-se a Koliker aparece Artur Kolmann, de Leipzig que em seus estudos afirmou que os desenhos papilares aparecem completos a partir do 6.º mês de vida inter-uterina, tendo figurado com habilidade e engenho o percurso das glândulas sudoríparas.



FÔRÇA POLICIAL

METROPOLITANA

Scotland Yard

A Corporação Policial Britânica que trabalha exclusivamente para o povo por meio da imprensa

Reportagem do

2.º Ten. CARLOS JONATAS SPALDING e

PHYLLIS DAVIES, do B N S

Da SCOTLAND YARD, a famosa polícia Britânica, não falaremos dos seus reais e valorosos serviços prestados. Sobre eles, e sobre sua organização técnica-policial, desde rapaz muito sabemos. E' do nosso conhecimento, através dos contos policiais, das revistas de histórias em quadrinhos, das películas cinematográficas, — que a SCOTLAND YARD presta como as corporações policiais do mundo inteiro, belos serviços preventivos e repressivos. No entanto é digna de nota a eficiência com que são feitos.

OS DIVERSOS POLICIAIS

A policial britânica, sim, a SCO-

TLAND YARD possui o Corpo Feminino de Polícia, presta relevantes serviços no que diz respeito aos trabalhos assistenciais e de informações.

O policial do Corpo Montado é outro importante elemento na vida britânica. São homens altamente especializados e delicados nas patrulhas de socorro.

O cão policial é, também, elemento de importância invulgar no campo da procura de foragidos da lei.

O policial britânico, o tradicional homem do capacete, é elemento para toda ocasião, e não raras vê-

zes faz até papel de "pai" da garotada inglesa.

UM FATO SINGULAR

Lembramos aqui um fato que ocorre frequentemente na conservadora Londres.

Uma senhora, dona de casa, via-se atrapalhado para emendar o arame de estender roupa que havia arrebitado. Seus filhos eram pequenos. Seu marido estava no trabalho. Não havia mesmo quem lhe tirasse daquela embrulhada. O remédio foi apelar para a SCOTLAND YARD. O primeiro policial que por ali passou, foi solicitado e prontamente emendou o arame e, ainda mais, ajudou com o maior respeito e zêlo, a estender as roupas.

Perante êste fato simplíssimo, verificamos que não há de extraordinário nada, a não ser o alto espírito de solidariedade e cooperação do policial com os grandes e pequenos problemas do povo.

Ser polícia não é prender ladrão. É auxiliar, educar e viver com o povo, porque de um povo altamente educado, só se pode esperar ações nobres, nunca atos de banditismo.

SERVIÇO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

É possível que em nenhum outro país do mundo as relações entre a polícia e o público sejam mais amistosas do que na Grã Bretanha. A razão principal é, naturalmente, que por muitos anos as

fôrças policiais britânicas aderiram a um estrito código de conduta ao desempenhar suas funções, e que o policial é considerado pelos cidadãos que respeitam a lei como um amigo e protetor.

Há, entretanto, outro fator. Na Grã Bretanha, o povo conhece muita coisa sôbre as fôrças policiais do país, pois dá-se grande importância ao fato de informá-lo sôbre os inúmeros e variados aspectos das atividades da polícia.

O trabalho das RELAÇÕES PÚBLICAS é uma parte valiosa da organização policial. Por tôda a Grã Brenha, a imprensa pode informar livremente sôbre as atividades da polícia, e por meio de conferências pronunciadas por funcionários da polícia, exhibições, filmes, e ocasiões sociais — tais como acontecimentos esportivos, bailes e reuniões atléticas — aos quais podem comparecer, o público se acostuma a conhecer os homens policiais como cidadãos-amigos além de serem guardiães da lei.

O maior exemplo do trabalho das relações públicas pela polícia é, entretanto, o do Departamento de Imprensa e Informações da Polícia Metropolitana, com sede em Scotland Yard, Londres. A Polícia Metropolitana abrange uma área de 1.900 quilômetros quadrados, de modo que se pode observar a extensão da tarefa do pessoal das relações públicas que é formidável.

O serviço de relações públicas foi criado em 1919, desde esta data veio sofrendo transformações, até



A Polícia Feminina é elemento valioso nos setores de informações e assistência social.

atingir o ápice: 1945. Dêste ano para cá, sua função é aconselhar o Comissário sôbre assuntos relacionados com a publicidade. Também a supervisão do Bureau de Imprensa na Scotland Yard e o cultivo de relações pessoais com editores de jornais, de notícias, dirigentes de jornais cinematográficos, e funcionários da BBC, a maior estação de rádio britânica. O departamento é responsável pela publicidade de recrutamento, como sejam, cartazes colocados nas estações ferroviárias, anúncios na imprensa nacional e provinciana. E' ainda responsável pela expedição de cartões de identificação da polícia para a imprensa e reporteres de rádio e fotógrafos, contendo uma recomen-

dação para qualquer funcionário aos quais sejam apresentados a fim de proporcionar ao portador a assistência necessária. Na época da Coroação da Rainha Elizabeth, foram expedidos mais de 5.000 cartões.

SEUS TRABALHOS

Os serviços de ligação com a BBC incluem o de arranjar policiais para fazer programas de rádio sôbre assuntos dos quais eles têm conhecimento técnico, organizar dramatizações sôbre o trabalho da SCOTLAND YARD e outros estabelecimentos policiais. Trabalho semelhante é feito com as companhias de jornais cinematográficos.

BRIGADA GAÚCHA

Houve também uma completa co-
operação, desde a fase da redação
do "script", na confecção de dois
filmes de longa metragem que al-
cançaram grande sucesso — "The
Blue Lamp", e "Street Corner" —
o último descrevendo os aspectos
do trabalho policial feminino. Outro
filme em preparo é baseado no tra-

balho de um cão da Polícia Me-
tropolitana e seu condutor.

Em suas relações diretas com o
público, o departamento organiza
exibições de fotografias e modelos
articulados relativos à prevenção
de crime e recrutamento para a
Fôrça. Algumas dessas exposições
são apresentadas em exibições im-
portantes como por exemplo a
National Radio Show, outras em
lojas e saguões de cinema. Além
disso, cêrca de 300 palestras são
pronunciadas anualmente pelos
policiais para clubes e organizações
pequenas. Essas conferências se re-
lacionam principalmente com os
princípios e a organização da po-
lícia, com o trabalho da SCO-
TLAND YARD e de como o públi-
co pode ajudar a prevenir o cri-
me. Um filme feito especialmente
sôbre êsse assunto, mostrando al-
gumas das precauções que as donas
de casa e outras pessoas podem
tomar contra arrombamento e
roubos é sempre solicitado nessas
apresentações, e é televisionado.

SEU FUNCIONAMENTO

Os serviços de ligação com a im-
prensa é feito, em parte, através
do Bureau de Imprensa, como vi-
mos. Há no Bureau um sala desti-
nada aos reporteres, com entrada
particular pelo lado da Scotland
Yard que dá para o Tâmsa. Nor-
malmente, está aberto das 8,30 às
23 horas. Jornais nacionais, ves-
pertinos londrinos e duas agências
de notícias quase sempre se fazem
representar um Scotland Yard. A
noite, as informações urgentes são



Um dos famosos cães da Scotland
Yard, numa das demonstrações
periódicas ao público

resolvidas pelo Inspetor de plantão no Escritório do Comissário que, quando necessário, se comunica pelo telefone com o Encarregado de Informações Públicas, na sua casa.

As mensagens policiais sobre crime, acidentes e assuntos semelhantes são enviadas ao Bureau de Imprensa pelo teleprinter e pelo tele-

fone das 23 divisões e 178 centrais do distrito da Polícia Metropolitana e transmitidas aos jornalistas de plantão em sua sala.

O Bureau de Imprensa é constituído, sob a chefia do Encarregado de Informações Públicas, de um oficial de imprensa, quatro assistentes e dois funcionários burocratas. Os oficiais de imprensa estão



Na sua patrulha, o polícia montada troca informes com o tracional polícia do capacete.

sempre prontos a responder perguntas particulares feitas por jornais, a organizar entrevistas com o pessoal da polícia, e também a arranjar visitas da imprensa e de agências fotográficas, de jornais cinematográficos, estações de rádio e escritores a vários estabelecimentos policiais.

— x —

O Departamento de Informações com o seu Bureau de Imprensa, es-

tabeleceu a um ponto impressionante a boa vontade entre a polícia, a imprensa e o público, e seu trabalho é assunto de estudo de muitas forças policiais estrangeiras. Não se contenta, contudo, de descansar sobre os louros já merecidos, e está sempre procurando novos meios de estimular o interesse público no trabalho da polícia e em manter essa confiança nos membros das forças, que é o baluarte do modo democrático de vida. . . .



Como está

Sua visão?

Abaixo temos 5 linhas formadas tôdas de 14 grupos de 4 letras cada um: n-u-i-l.

Será você capaz de olhar por 1 minuto às 5 linhas e constatar em qual delas e em que grupos n-u-i-l o linotipista errou?

1. nuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuil
2. unilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuil
3. nuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuil
4. nuilnulinuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuil
5. nuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuilnuil

Resposta: os erros estão: na linha 2, 1.º grupo de quatro letras — na linha 4, 2.º e 10.º grupos — na linha 5, 6.º grupo.

Literatura



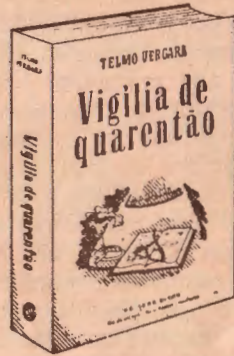
— WALTER SPALDING —

VIGÍLIA DE QUARENTÃO

Telmo Vergara

Editôra Globo — P. Alegre, 1956.

Estão em moda as memórias. De todos os recantos do mundo surgem livros com essa orientação. Entre nós, acaba de publicar uma obra semelhante o dr. Telmo Vergara. Semelhante, mas não igual às demais memórias, porque o ilustre novelista e romancista nos apresenta suas impressões pessoais com relação ao passado — sua infância, adolescência e mocidade — mescladas das experiências de seus quarenta anos de vida e das impressões das leituras feitas, valorizando as pequeninas cousas da vida. Os 19 capítulos, contos ou crônicas, não se restringem, entretanto, ao aspecto memorialista. São, ao mesmo tempo, novelescos, trans-



cedendo, assim, ambos os gêneros. É um livro original, lírico e irônico, satírico às vezes, mas sempre suave e encantador. A melhor obra de Telmo Vergara, no nosso entender.

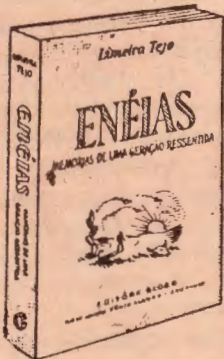
ENÉIAS — Memórias de uma geração ressentida — Limeira Tejo. Editôra Globo — Pôrto Alegre, 1956.

Como a de Telmo Vergara, esta obra do dr. Limeira Tejo, encerra, também, as memórias do ilustre autor de "Retrato Sincero do Bra-

sil". Mas são memórias diferentes, não suas, mas de sua geração. Memórias em forma de novela onde o real e o fictício estão de mãos dadas. Real — o assunto, o tema; fictícios os nomes, as localidades não raro, e os retratos muitas vezes.

Temos a impressão que Limeira Tejo com essas suas memórias e Telmo Vergara com as suas, estão criando um novo gênero memorialista, delicado e suave, onde o "eu" desaparece no conjunto, na época, no meio na geração.

Rodrigo Otávio escreveu, nos últimos anos de sua vida, os três interessantíssimos volumes de "Minhas Memórias dos Outros", Limeira Tejo e Telmo Vergara escreveram as suas memórias mescladas às dos outros, às dos que os cercaram. E isso trouxe a essas obras novo realce.



Não raro, um policial de posse de um mandado judicial, ou na execução de uma prisão em flagrante delito, encontra resistência, ora passiva ora ativa, por parte do delinquente ou de terceiros. Não raro, são, também, os processos que respondem os policiais por emprêgo de fôrça no cumprimento daqueles atos legais. E' que o policial investido da qualidade de mantenedor da ordem pública, se esquece que a Lei não lhe atribue, para o efeito de se defender, maiores direitos do que, aquêles que competem aos cidadãos em geral. Por isso, naquelas circunstâncias, omitem o que preceitua a lei, no que diz respeito ao emprêgo de fôrça, para salvaguarda da integridade física própria ou de quem o auxilia na efetivação da prisão.

O Código de Processo Penal em seu artigo n.º 284 assim se expressa: "Não será permitido o



A ARTE DE

Por:

emprêgo de fôrça, salvo a indispensável no caso de resistência ou de tentativa de fuga de prêso." Par sua vez, o artigo n.º 292, do citado código, também estatue: "SE HOVER, AINDA QUE POR PARTE DE TERCEIROS RESISTÊNCIA À PRISÃO EM FLAGRANTE OU À DETERMINADA POR AUTORIDADE COMPETENTE, O EXECUTOR E AS PESSOAS QUE O AUXILIAREM PODERÃO USAR DOS MEIOS NECESSÁRIOS PARA DEFENDER-SE OU PARA VENCER A RESISTÊNCIA, DO QUE TUDO SE LAVRARÁ A U.T.O SUBSCRITO TAMBÉM POR DUAS TESTEMUNHAS". Pelo que se desprende dos artigos supra transcritos, a lei faculta o emprêgo de fôrça na execução de uma prisão em flagrante ou por mandado Judicial, o que exige, porém, é "MODERAÇÃO" no uso da fôrça. Isto quer dizer que os meios utilizados pelo policial ou por quem lhe preste auxílio, em contraposição a resistência encontrada, deve cessar tão logo cesse esta, sob pena de responder pelos abusos que cometer.

Quando a resistência é oposta passivamente, isto é, o prêso agarra-se em postes, árvores, grades, ou deitando-se no chão, ou, ainda, não querendo caminhar, o policial empregará fôrça física necessária a compeli-lo a obede-

PRENDER

, 2.º Ten. João A. Danesi

cer a intimação, retirando-o de junto do obstáculo a que se tenha agarrado, levantando-o do chão e obrigando-o a caminhar até a presença da autoridade. Não esquecer o policial, que o emprêgo da fôrça física muscular não deve confundir-se com violência, e sim exclusivamente a necessária para fazer cessar a resistência a que se propôs o recalcitrante. Se nessa ação, lezar a integridade física do delinquente, agindo com moderação, excusar-se-á com a justificativa do "ESTRITO CUMPRIMENTO DO DEVER LEGAL", previsto no nº 111, do artigo 19, no Código Penal Brasileiro.

Para isso, no local e na ocasião da resistência oferecida pelo prêso, deve o policial arrolar duas testemunhas e fazer-se acompanhar das mesmas à presença da autoridade, a quem fará o relato do sucedido e solicitará a lavratura do respectivo auto, previsto no artigo 292, do CPP, supracitado.

Mas, se a resistência oposta ao policial for ativa, isto é, se consistir no emprêgo de violência, ameaça ou agressão ao policial, êste poderá vencê-la empregando os meios necessários para tanto. Neste caso, estará em presença de um DESACATO, crime previsto no CPB. Seu pro-

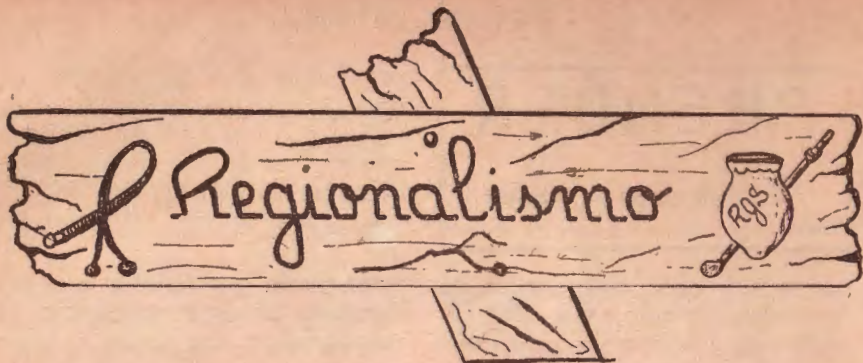
cedimento será semelhante ao caso da resistência Passiva, e as lesões que por ventura venha a cometer, será excusada, também, com a justificativa do "Estrito cumprimento do dever legal".

Se ainda, o policial estiver em presença de uma resistência à mão armada, de modo a fazer perigar a sua vida, a fôrça que oferecerá, nesse, poderá ir até ao extremo de ferir ou matar o agressor. Tem o policial em seu favor a justificativa do cumprimento de um dever legal. As circunstâncias também poderão encerrar a justificativa da legítima defesa: se as lesões forem praticadas em repulsa moderada à agressão para que o defendente salvasse a própria integridade física.

Seu procedimento após capturado o prêso, é idêntico aos dois primeiros casos.

(Conclui na pág. 16)





Galopeada no Pensamento

Os moços língua sovada cá do povo chamam êste domingo de ante-véspera de Natal! De certo é mesmo, não sei... o que sei é que hoje sou peão caseiro desta estância que, faz pouco, deram o nome de Piratiní. O patrão é meio exigente e caseiro não pode arredar pé e tem que estar ativo como quero-quero em coxilha; então eu vou ficando por aqui, atirado como rebenque feio, matutando qualquer cousa para espantar o sono que está teimoso como filho de rico. E assobiando bem baixinho uma polquita, dei de rédea ao pensamento e viajei até meus pagos. O pensamento é pingo mui ligeiro, inda mais quando envereda pra querência; le digo: nem o Tinhoso ataca, seu!... Enseguidita estive na fronteira. Lugar de gente buena — me desculpe que sou de lá! Ali na Subida da Serra, na Casa Branca, tem uma cancha reta; hoje, na certa, tem um mundareu de gente por ali. Le digo: vem gente lá das bandas do Uruguai que é um horror... e vêm cheios dos "pêsos ouro" e voltam mais areados que castiçal de igreja. Sim, porque a demora é só no partidor... no grito de "já se vieram" só se ouve a estrolaçada dos cascos e os castelhanos já se perdem na poeira; nos cem metros então nem se fala: êles já veem de arrasto como muchacho de carreta!

Lá pelo Cerro Verde, adiante da invernada da Brigada, tinha, noutros tempos — não sei se ainda tem — outra cancha onde também faziam comércio de carreira; ali é mais movimentado ainda porque se joga a tava, o truco cego e de amostra e sai peleia também. De vez em quando a parceria se desentende e já trama facção... mas é uma indiada buena, mesmo assim. Isso tudo faz parte da diversão!

Ah! e no Rinçã Bonito? Ali na Estância da Lata, no que

bandeira o Passo, ali eu conheci uma chinoca... era buerana como o que!... e matreira a bruaca... me negou o estribo, uma feita; depois, lá pelo Carcávio, ela veio muito as boas, me tirar pra dançar uma "polca de relação" e eu meio desconfiado como matungo torto, disse logo aquele versito, velho como apear em porteira, que eu aprendi faz tempo: ○

Não venhas para meu lado
Com parte de zorra mansa
Que eu sou guará ressabiado
Que guaipeca não alcança!

Queria ficar mais um pouco naquele Rincão, mas o pensamento, se empinando como pelincho em arame, num arranco me levou ao Pedregal; cheguei ali gajo como pica-pau em tronqueira. Não durou muito a minha faceirice: quando varei o Passo da Sociedade o coração me corcoveou no peito; vi aquele pedaço de chão onde vim ao mundo e senti um guascaço da saudade. Dizem que gaúcho não chora! Não chora o que, seu! Quando o gaúcho relembra os pagos distantes sente um repucho por dentro, tranca os carrinho, a voz não passa nos garguminho, os olhos da gente se mareiam e o índio chora mesmo, por mais taura que seja! Olhei do alto da coxilha, bem da ponta do grotão e inda vi a tapera, restos da casa onde nasci; o figueiral, abandonado, agora é sombra pras rezas que ali vão se abrigar do sol! A cima de onde eu arrastava água lá está e o salso chorão, ali perto, parece que de triste arrasta mais os galhos, beijando o pasto verde do banhado! Acenei, dizendo adeus à minha tapera e nesse instante, como que em resposta, o vento sacudiu os galhos de todo aquele arvoredo... um sabiá travesso cantou, no caponete, ao longe; um zorro, gaiato, me chamou de guasca e enquanto o gado lá ficou berrando na canhada eu fui me afastando despacito, tristonho como peru pesteadado, na direção do Sarandí.

De passada pelos Gomes, parece que estava vendo o Desidério amadrinhando um bagual zaino requeimado domado há tempos, pelo Benzinho, um negrito bom nos bastos e que era o domador da estância e que depois inventou de ser milico da Brigada e lá se foi. Naquele Pedregal ginete dá em tocera, seu! e pingo daquelas bandas se conhece de longe: é bom de rédea e sôlto de pata!

São lembranças como estas que nos fazem ir longe... e o pensamento, pingo sotreta, embora delgado de viver na estaca, de vez em quando se mostra baldoso como petiço de guri: empaca,

BRIGADA GAÚCHA

se dá volta, não obedece às rédeas da vontade nem às esporas da imaginação. Agora mesmo, não vê? quase que não sai daquela várzea e já estava por dar uma mão na doma do zaino, quando me chega aqui no Piratiní, um outro peão que também não foi no bolicho hoje e me avisou que chegou o sota-capataz: foi num de repente que estive de volta!

Nesta estância a peonada é diferente; o patrão, capataz e os posteiros, todos são bem falantes: tudo é gente do povo... e quando chega um deles e caseiro tem que dá-le buenas e fazer uma porção de requefife que a gente aprende arremedando os outros e lendo uns livros que êles inventaram. E de tanto ouvir a falação dessa gente fina, até me animo a repetir pra vocês uma conversa que ouvi hoje, que achei muito bonita e que lá vai:

"Feliz Natal, Brigada Gaúcha"!

"Feliz Natal, Brigadianos"!

"Que o Ano Novo nos seja próspero e cheio de venturas; que Deus nos proteja sob Seu Sagrado Manto, derramando sôbre o mundo inteiro, a paz, a tranquilidade, o progresso! Que o Todo Poderoso guie, ilumine e oriente a Família Brigadiana, o Povo do Rio Grande, o Brasil, os Brasileiros!"

Isto é tudo o que deseja, de coração, êste

ÍNDIO VELHO

A Arte de Prender (conclusão da pág. 13)

Os recursos de que dispõe o policial dentro da lei, no cumprimento da sua sagrada missão de mantenedor da ordem pública, estão ao alcance de todo o cidadão, de vez que, de conformidade com a nossa processualística penal, qualquer do povo tem a faculdade de prender quem quer que seja encontrando em flagrante delito, com a diferença

que, nesse caso, a justificativa não será do estrito cumprimento do dever legal e sim do exercício regular de um direito, visto que o cidadão não tem o dever de prender, mas sim a faculdade. Se, no exercício desse seu direito, lesar a integridade física do delinquente, agindo com moderação, excusar-se-á com a justificativa do exercício regular de direito.

Conceição

UM COMBATE
E 5 LIÇÕES
MARIO NUNES

A coluna do general revolucionário Honório Lemes, recém vitoriosa de rápido e cruento assalto à sede da Fazenda Nacional do Saican, onde conseguira remunciar os seus mil e poucos legionários, aguardava a governista que a perseguia, no "Cêrro da Conceição", na escarpa das serranias do Caverá.

Seria difícil descrever, aqui, o aspecto geral da região. Dirmas, sòmente, que aquêlê guerrilheiro escolhera esplêndida posição, cujo centro era perfurado pela estrada por onde marchavam os seus perseguidores. Cêrca de 600 metros antes dela penetrar na serra, pròpriamente dita, havia um profundo sangão, o qual deveria ser ocupado por 200 rebeldes, homens escolhidos e bem dotados de armas e munições, assim que a retaguarda governista o transpuzesse, completando o cêrco. Tôdas as probabilidades de vitória estavam com o general Honório Lemes, cujos comandados deviam iniciar o fogo mediante um sinal (um tiro) que deveria ser desfechado por um daqueles 200 homens, após cumprida a sua missão.

Às 8,30 horas da manhã, o silêncio, no local, era absoluto: os rebeldes, cuidadosamente dissimulados pelos acidentes naturais do terreno, observavam a coluna governista que marchava tranqüilamente, inconsciente do enorme perigo que a ameaçava...

As suas patrulhas da vanguarda transpuzeram a sanga em formação de marcha comum: a "quatro de fundo" e com as armas a tiracolo ou sôbre os arrêios. Nenhum de seus homens teve a cautela de reconhecer as alturas próximas e muito menos um caponete existente à cêrca de 300 metros do "passo" da sanga, onde se adensavam os 200 homens que deviam ocupá-la. As patrulhas de flanco — se as havia — marchavam com igual displicência e o grosso da tropa, confiado em seu serviço de segurança, embretou-se no local escolhido pelo comandante revolucionário, descuidadamente, sem a menor demonstração da cautela que deve acompanhar os movimentos militares em zonas suspeitas. E, também a "quatro a fundo" e com as armas a tiracolo; conversando e rindo, a maior parte da tropa transpôs o sangão. À frente marchava o 2.º Regimento da Brigada Militar do Estado, sob o comando do coronel Januário Correia. Logo após, seguiam cêrca de 600 homens do 15.º Provisório, de Rosário e elementos das Guardas Republicanas dessa e da cidade de Livramento.

Os rebeldes emboscados, numa tensão de nervos fácil de calcular, aguardavam o momento em que, fechada a retaguarda do inimigo e ouvido o sinal combinado, deveriam iniciar o com-

BRIGADA GAÚCHA

bate tão cuidadosamente preparado. A vitória parecia certa . . .

Entretanto, um "emotivo" transtornou completamente essa possibilidade: antes que a retaguarda governista atravessasse a sanga e, portanto, que os 200 legionários a ocupassem, alguém, até hoje desconhecido, deixando-se dominar pela "emoção" deixou disparar a sua arma, mais ou menos no rumo de onde devia partir o sinal . . .

Os estampidos de cerca de 1.000 mosquetões, fuzis winchesters e outras armas, partidos do alto da serra e multiplicados pelas grotas adjacentes, estrondaram ensurdecidamente.

E o efeito foi estupendo. Tomados de surpresa e sem o "cimento" da disciplina, os corpos provisórios e guardas republicanos fizeram meia volta e, recuaram desordenadamente, surdos à voz de comando de seus oficiais; caíram dentro do sangão que deveria ser ocupado pelos revolucionários e, ironia do destino, essa debandada lhes garantiu a vitória, de vêz que transtornou radicalmente o plano traçado pelo general Honório Lemes: os governistas não foram cercados e poderiam empreender a retirada quando quizessem.

Não o fizeram, porém: o 2.º Regimento da Brigada Militar, disciplinado e aguerrido, estendeu-se em formação de combate — quase instantaneamente — repelindo uma carga de lança até êle levada por 26 gaúchos destemerosos, dos quais 21 caíram para sempre e, entre êles, os coroneis Teodoro Menezes e Catinho Pinto.

O resultado da luta deixou de ser duvidoso. Os governistas não tinham mais que aguentar o fogo durante algumas horas e a vitória lhes sorriria, fatalmente, porque os rebeldes não dispunham de munições para mantê-lo.

E o combate se prolongou desde às 8,30 horas até às 14,00, terminando pela retirada de Honório Lemes . . .

Agora as lições: — 1.º: — A displicência demonstrada pelas patrulhas da vanguarda e de flanco dos governistas, ocasionou a surpresa que só não lhes foi fatal porque os rebeldes não dispunham de munições suficientes. 2.º: — **A "disciplina", livrando o 2.º Regimento do pânico, garantiu a vitória.** 3.º: — A emoção, sôbre a qual tanto temos falado, descontrolando o homem que disparou o primeiro tiro, antes do tempo, inutilizou o plano do chefe revolucionário, ocasionando a sua derrota. 4.º: — Uma advertência valiosa para os oficiais: se tôda a coluna revolucionária secundasse a carga daqueles 26 gaúchos, nem mesmo a disciplina e o heroísmo do 2.º Regimento teriam evitado a completa vitória dos revolucionários. 5.º: — Pondo em destaque o valor do remuniciamento organizado, fator principal do triunfo das armas governistas, lembra aos responsáveis pelos comandos futuros que do funcionamento impecável dos serviços da retaguarda, depende o êxito dos movimentos militares.

AULINHA DE POLÍCIA

≡ VIDA PREGRESSA ≡

1.º TEN LUIZ IPONEMA

O Inquérito Policial é uma peça informativa. — Nêle a Polícia Repressiva científica à Justiça que algo de anormal ocorreu contra a Sociedade.

Pelo Sistema Policial adotado no Brasil, a Polícia não JULGA nem PUNE, cabendo êste mistér à JUSTIÇA, encarnada na pessoa do JUIZ.

Do Inquérito, conduzido pela autoridade policial, formar-se-á o Processo, presidido pela autoridade judiciária, passando o indiciado a ser processado, julgado e finalmente, absolvido ou condenado.

A ação da autoridade policial, como colaboradora da Justiça, faz-se sentir em tôda a fase processual e, tanto no julgamento como na decisão final do Juiz, a VIDA PREGRESSA DO ACUSADO, será fonte de orientação para uma decisão equilibrada e justa. E a VIDA PREGRESSA é uma peça do Inquérito, portanto, da alçada da autoridade policial.

Lamentavelmente, não se tem dado o valor devido à esta peça importantíssima para a decisão judiciária. Algum descuidô se tem cometido, sem se avaliar o prejuízo acarretado com isto às decisões quer condenatórias, quer absolutórias.

O Juiz não foi ao local do crime; não ouviu as partes ainda sob a influência do delito cometido; não procedeu à perícias, à buscas, à apreensões e à reconhecimentos... Êle toma conhecimento oficial do fato delituoso por meio do Inquérito. Êle "vê" o crime através dos autos procedidos pela Polícia.

Estará êle plenamente capacitado, mesmo depois de reinquirir tôdas as partes, a pronunciar uma sentença equilibrada?

NÃO. Falta-lhe o conhecimento de fatores outros sôbre o acusado. Fatores êstes que dirão da VIDA, das ATITUDES, do "modus-vivendi", das REAÇÕES do acusado, etc... .

Esta peça de extraordinário valor para o processo foi creada

BRIGADA GAÚCHA

inteligentemente pela Legislação Processual do Brasil e consta em seu artigo 6, item IX (C.P.P.) que determina à autoridade policial investigar: sôbre a "vida pregressa do acusado sob ponto de vista individual, familiar e social; sua condição econômica, sua atitude e estado de ânimo, antes e depois do crime e durante êle, e sôbre outros elementos que contribuirão para a apreciação de seu temperamento e caráter".

A Lei não traça um esquema para esta investigação, mas deixa claro que para ser atingido o fim nela determinado serão ouvidas, também, pessoas outras que conheçam o acusado, que com êle convivam ou tenha sido testemunhas da prática do delito.

A autoridade policial encarregada desta missão deve possuir conhecimentos de psicologia e aplicá-los profusamente no desempenho dêste seu trabalho.

Nada há de esquemático para o cumprimento desta importante missão entretanto, a autoridade colherá dados e informações tanto do acusado como de pessoas que o conheçam e convivam com êle.

INVESTIGARÁ SOBRE :

- 1 — Localidade onde nasceu o acusado; data do seu nascimento; idade; estado civil; profissão; se prestou Serviço Militar; caso negativo por que?;
- 2 — Compleição física, côr; altura; pêso; qual o corte de cabelos usado preferentemente; se usa bigode; sinais particulares naturais e adquiridos, em que circunstâncias foram êstes últimos adquiridos?;
- 3 — Onde trabalhava últimamente?; qual a causa de ter deixado o emprêgo?; suas relações com o patrão;
- 4 — Filiação; se houver pais falecidos, com que idade ocorreu e qual a causa do passamento; quantos irmãos vivos e quantos mortos; qual a causa-mortis dos últimos e com que idade; como viviam?;
- 5 — Como foi criado o acusado?; se frequentou Escola?; até que nível atingiu?; quais os vícios adquiridos pelo acusado e por seus pais?;
- 6 — Quais os emprêgos que se ocupou desde sua infância à maioridade?; se é capaz de desempenhar outros ofícios ou mesmo tem vontade de apreendê-los;
- 7 — Quais as moléstias que se recorda ter sofrido?; E quais as que os seus irmãos sofreram?;
- 8 — Qual a sua situação econômica?; Se alguma vêz juntou economias?; Caso negativo a que atribui a causa?;

- 9 — Se foi detido ou prêso alguma vêz. Caso positivo, onde e por quê? Por quanto tempo? Como foi sôlto?
- 10 — Se tem apelido; Quais? Se é otimista ou pessimista? Qual o seu temperamento? Qual a sua religião? Se a pratica? Se cultiva ideologia política. Qual?
- 11 — Se poderá ser aditado novamente à Sociedade. Se frequenta ou pertence à agremiação associativa. Caso negativo, qual a causa? Como encara a organização social?
- 12 — Qual o seu estado de ânimo ANTES, DURANTE e DEPOIS do crime?
- 13 — Como encara o fato de ter praticado o delito? Se sente arrependimento e com que razões procura justificá-lo?
- 14 — Que consciência demonstra ter das obrigações para com as pessoas que vivem sob sua dependência econômica?
- 15 — Qual o conceito moral em que são tidos os companheiros habituais do acusado?
- 16 — Finalmente, será feita a APRECIÇÃO FINAL pela autoridade policial encarregada dêste mistér, a quem cabe verificar a EXATIDÃO de tudo que lhe fôr dado a conhecer e acrescentará sua apreciação PESSOAL sôbre a **vida progressa do acusado.**

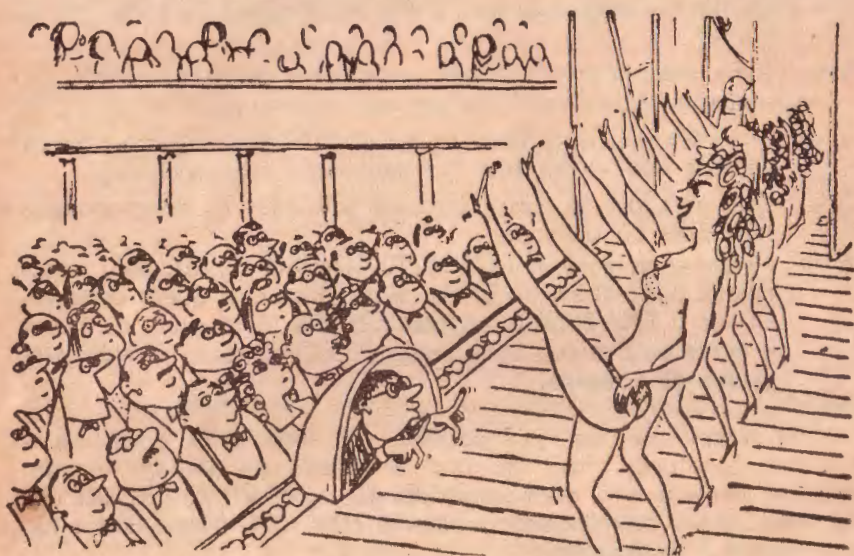
As autoridades policiais dispõem de formulários para preenchimento oportuno, mas, isto não a impede de datilografar um relatório **minucioso** e mais **completo** sôbre a VIDA PROGRESSA DO INDICIADO cientificando melhor à JUSTIÇA, dêstes dados tão importantes à decisão final.

Não há que confundir VIDA PROGRESSA com FÔLHA DE ANTECEDENTES. A primeira (Vida Progressa) é uma devassa minuciosa e completa sôbre a vida do acusado, desde seus primeiros dias até o atual. A segunda (Fôlha de Antecedentes) se restringe aos antecedentes CRIMINAIS e CORREIONAIS, isto é, se alguma vêz deu "entrada" na Repartição Policial por motivo de infração e se foi condenado.

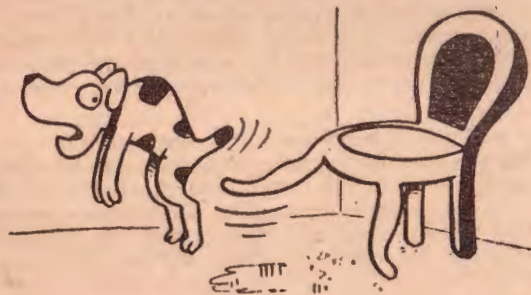
Na Fôlha de Antecedentes não se investiga, — como se faz na Vida Progressa, — sôbre o histórico biográfico, familiar e profissional; sôbre o temperamento e caráter do acusado, empregando, para isto, conhecimentos psicológicos.

Se à Polícia Judiciária cabe, entre outras, a missão de auxiliar o Poder Judiciário na apuração completa da realidade criminal para a perfeita imposição da pena, que êste auxílio seja de fato PLENO e EFICIENTE, em nome da VERDADE e da PAZ SOCIAL.

fora de forma marche!



BOSC



fora de forma
marche!

Preta na Eficácia

Impressões de uma meia Jornada com o I/6.º RO 105

Cap. Dlomário Moojen

Positivamente, não esperávamos que, tão cedo, viessemos retomar contacto com os nossos bons e distintos camaradas do I/6.º RO 105.

Passados apenas 12 dias da nossa tão lembrada e proveitosa visita ao seu quartel em São Leopoldo, já se prestava a CAO para colhêr, junto aos artilheiros, novos ensinamentos.

Esta feliz oportunidade foi-nos proporcionada, em grande parte, pelo nosso digno instrutor da CAS, sr. Maj. Jayme Moreno que, desde o começo, vem demonstrando muita dedicação e interêsse no seu mister de ensinar.

Assim é que, dia 5 de julho, às 12,10 hs., deslocamo-nos, em ônibus do CIM, para a região de Itapoã, onde desde de terça-feira, se achava acampado o 1.º Gp. Acompanhavam a turma: o sub-diretor de Ensino Maj. Wolf e os instrutores Maj. Moreno e capitães Franco e Vasconcelos.

A viagem foi agradável e todos estávamos contentes. Uns trocavam idéia sôbre o que iríamos presenciar e treinar: Ajustagem de Tiro de Art.; outros estudavam os pontos para o TG do dia seguinte: Guerra Química; ou simplesmente palestravam, associando-se ao chimarrão do "velho" Trois.

Hora e pouco depois, e já entrávamos na lamacenta estrada para Faxina, de categoria F. Mais um quilômetro, e deparamos a tabuleta, fincada ao lado do caminho: "I/6.º RO 105 — ACAMPAMENTO". Em seguida, começamos a vêr as linhas rastejantes das instalações telefônicas que, por vários quilômetros, asseguravam o serviço de comunicações entre os diferentes elementos, desde as Bias., distanciadadas entre si, até os longínquos PO 1 e PO 2.

O primeiro acampamento a que chegamos foi o da Bia. de Comando. Tudo bem ordenado e obedecendo as regras que devem ser observadas para um estacionamento. Aliás, essa boa impressão que tivemos repetiu-se nos demais acampamentos: Bia. Sv., 2.ª e 1.ª Bias. que, nesta ordem, visitamos, transportados em jeeps e jipões.

O Exército é bem dotado e, graças aos meios de que dispõe, menos dura se torna a vida em campanha.

Na Bia. Cmdo., fomos recebidos pelo seu amável e hospitaleiro cmt., Cap. Lélío Tavares, que logo nos franqueou o local.

Num rápido giro, constatamos, então, quão modestos são nossos recursos na Brigada. Entre outras coisas simples, prosaicas, nem mes-

mo atualizados estamos no que se refere a material de cozinha de campanha. Alí vimos que, cada Bia., é dotada de seu fogão, constituído de três elementos, leves, metálicos, fáceis de limpar, alimentados à gasolina e providos, cada um, de seu painelão de alumínio. Os pratos e marmittas são lavados sucessivamente em três recipientes (aquecedores de imersão), cuja água é esquentada também a gasolina. Os trabalhos do rancho tornam-se, assim, mais cômodos, não se tem o inconveniente tormentoso da fumaça e tudo se pôde conservar na melhor limpeza e higiene.

Momentos depois, deslocamo-nos, acompanhados pelo snr. Maj. Mariano, sub-cmt., afável e folgazão, para onde ficavam as Bias. Sv. e 2.^a. Na primeira, tivemos o prazer de reencontrar o Ten. Juarez Loureiro, seu cmt. interino, que a todos nos cativou pelas suas maneiras desenvoltas e cordiais. Êle mesmo dirigia um dos jipões que nos transportou, depois até o PO 2; na outra Bia., na "Preta", ficamos conhecendo o cmt. da Linha de Fogo, Ten. Frederico Kurz, que, junto a uma das quatro possantes peças 105, nos prestou todos os esclarecimentos de ordem técnica que pedíamos, auxiliado pelo sgt. chefe de peça. Alí estavam os oito serventes e uma grande quantidade de granadas explosivas e fumígenas, nacionais e norte-americanas. O pêso de cada uma, sabíamos, é de 15 kg; e seu custo, ficamos sabendo, é de Cr\$ 1.050,00.

Já era tempo porém de irmos ao PO. Em linha reta, ficava cêrca de 3.500 ms. da Linha de Fogo.

Os jipões, então, começaram a subir e a descer morros. Havia chovido na véspera e os caminhos eram péssimos. Mas apesar do pêso que levavam (10 pessoas cada um, venceram galhardamente as dificuldades do terreno.

Cêrca das 16,00 hs. atingimos o tôpo da elevação onde ficava o PO 2. Alí nos apresentamos ao já nosso conhecido Ten. Cel. Mourão, amazonense, digno cmt. do Gp., tipo severo, elegante e cavalheiresco.

Apesar do sol, a tarde era fria. Todos nós vestíamos japonesa; alguns oficiais do Ex. vestiam capa de campanha. Junto a bandeirola indicativa do PO, que tremulava na extremidade de longa haste cravada ao solo, os aparelhos necessários à observação e ligações: geniômetro-bússola (GB), luneta-binocular, e dois telefones.

Passamos, então a receber esclarecimentos complementares por parte do boníssimo Maj. Miranda, encarregado da instrução no PO. Possuidor de grande desembaraço e facilidade de expressão, êsse paraense, jovial e robusto, nos impressionou: ao mesmo tempo que conversava conosco, controlava os subalternos do Gp., que faziam ajustagem dos tiros. Em poucos momentos, localizamos com nossos binóculos, o PV e alguns alvos auxiliares, situados na ZA, sopé e mela encosta de uma grande elevação situada à nossa frente. Distante de 1.000 metros.

Já havíamos recebido em aula tôda a teoria relativa ao mecanismo de funcionamento do PO; agora estávamos concretizando os ensinamentos.

A instrução era de grande objetividade, pois sabido é que o oficial de qualquer arma deve ser capaz de exercer o papel de observador avançado de Artilharia.

Transmitida a primeira mensagem à Central de Tiro, por um subalterno do Gp. que, a título de demonstração, faria uma ajustagem sôbre o próprio PV, aguardamos, interessados, a repetição, pelo telefonista, do que recebia pelo fio ligado à Central de Tiro, a três quilômetros e meio dali.

— Peça atirou! — disse êle em voz alta.

BRIGADA GAÚCHA

Assestamos nossos binóculos sôbre o alvo. Rápidos segundos e já ouvíamos, à esquerda e acima de nós, cortando o ar com um silvo contínuo, dando-nos acusticamente a idéia aproximada de sua trajetória, a primeira granada. O silvo, aos poucos, desaparece; um breve silêncio e, de repente, a detonação violenta sôbre o solo, um novelo de fumaça, e a marca de uma cratera!

Belo tiro! Aliás, já o esperávamos dado que o contrôle da C. Tir. se achava sob as vistas de um competente artilheiro, nosso atencioso amigo Maj. Krug, S/3 do Gp.

A ajustagem estava feita e o observador pediu a EFICÁCIA.

E quatro granadas, silvantes, invisíveis, passaram sôbre nós, indo explodir na área visada.

Daí, até o anoitecer, várias ajustagens foram feitas sôbre diversos alvos distribuídos na Zona de Ação. Ora entrava a Vermelha (1.^a Bia.), ora a Preta (2.^a Bia.) na eficácia; às vêzes, ambas cobrindo de explosões as escarpas e as fraldas da elevação.

Enquanto isso, nós observávamos, calculando os desvios em direção, à base de milésimos, e os alcances, prontos a responder às perguntas dos Majores Miranda e Moreno.

Chegou, então, a vez de pedirmos (alguns de nós) tiros sôbre um alvo: caponete, à direita, 50 mts. do PV.

A mensagem inicial foi esta:

AQUI Cmt. do 2.^o Pel. da 3.^a Cia.

MISSÃO DE TIRO!

LANÇAMENTO 5100 (cinco-um-zero-zero)

LOC. DO ALVO: Do PV 50 (cinco-zero)

NATUREZA DO ALVO: Pel. de Infantaria num bosque

AJUSTAREI!

Êstes elementos, como se sabe, são dados, um a um, pelo Observador ao telefonista, que o transmite a C. Tir. De cada anotação feita, por esta, fica ciente o Observador através do vocábulo "CERTO", enviado da Central e repetido pelo telefonista.

Transmitida a mensagem, ficamos aguardando a ação da C. Tiro. A espera foi curta:

— Centro atirou! — preveniu o telefonista.

Duas granadas, segundo após, explodiram na região do alvo, havendo necessidade de correção do tiro.

Feita a verificação com nossos binóculos (zero da graduação correspondendo ao centro dos dois impactos), anotamos, numa fôlha apropriada, que nos fornecera o Maj. Moreno:

50 E — L, isto é, o desvio em direção fôra de 50 milésimos, à esquerda; o alcance, longo.

E transmitiu-se à C. Tir., já que a DO (direção de observação) era do valor de 1.000 mts.:

— DIREITA 50 (cinco-zero), ENCURTE 100 (um-zero-zero)!

— CERTO! - avisa a C. Tir. e, segundos após: - CENTRO ATIROU!

Mais duas granadas explodiram. Anotamos:

BD — C, ou seja: Boa direção — Curto.

Estava na hora de se pedir a EFICÁCIA e, então, o ficial do CAO, observador, pediu:

— REPITA DIREÇÃO — EFICÁCIA — ALONGUE 50 (cinco-zero)!

— PRETA NA EFICÁCIA!

Quatro granadas e, em seguida, mais quatro, cobrindo de estilhaços e fumaça o alvo visado, provaram, mais uma vez, a potência do obus 105 e o alto grau de instrução dos nossos artilheiros.

Terminada a EFICÁCIA, o nosso observador relata o resultado obtido e os efeitos observados no alvo:

— MISSÃO CUMPRIDA. PELOTÃO DISPERSADO!

— CERTO! — responde a C. Tir.

Tínhamos feito nosso teste e, crelo, não saímos mal.

A tarde fugia. O sol já desaparecera por detrás dos montes. Um vento frio corria sôbre a coxilha.

Aproveitando o resto de luz, ia-se fazer um tiro contra um "observatório inimigo".

Localizado êste, começaram os tiros de ajustagem. Algumas granadas não explodiam. A essas chamam "tijolo quente"!

Em dado momento, para demonstração, foi pedido um tiro com granada fumígena. Caiu no vale, entre o matagal, e espalhou pelo ar uma grande nuvem branca, compacta, impressionante, que levou vários minutos para desaparecer.

A noite, enfim, chegou. Mas, como estava previsto, o exercício continuaria com uma "Observação pelo centro de impacto".

Alguns oficiais do Gp. deslocaram-se num jeep para o PO 1, à 600 ms. do nosso. O Sub-cmt. e o Maj. Miranda davam as ordens. Entrou em ação a luneta-binocular, que apresentava, infelizmente, defeito na pilha. Meios de fortuna sanaram o incidente e o exercício foi reiniciado.

Alvos foram batidos e pudemos observar, com satisfação, o belo efeito das explosões no negrume da noite.

Finalmente, às 20,00 hs., mandou o Cmt. Mourão suspender o exercício. Um foguete de estréla vermelha subiu aos ares.

Retomamos as viaturas e rumamos, encolhidos de frio, para o acampamento.

Para o jantar, foram os alunos do CAO distribuídos pelas quatro Bias. Nossa fome era grande mas, em compensação, a comida era farta, variada, gostosa, nutritiva, regada com bom vinho "Montemago".

Comíamos a sobremesa, quando houve o toque de revistâ: eram 21,00 horas.

Pouco depois, reunidos na Bia. Cmdo., apresentamos as nossas despedidas e agradecimentos ao Sr. Cmt. Mourão e aos seus dignos e atenciosos comandados.

Jamais poderemos esquecer o tratamento amigo e a fidalguia com que nos acolheram. A recordação que guardamos é das mais gratas possíveis!



Campeonato Gaúcho de Salto

Pelo 2.º Ten. CARLOS JONATAS SPALDÍNG

Pôrto Alegre, vibrando, assistiu no mês de outubro último, o **Campeonato Gaúcho de Salto**.

Este campeonato, que nada mais é do que a eliminatória do Estado para a disputa do Campeonato Brasileiro, foi realizado no decorrer da Temporada de Hipismo da Primavera, organizada pela Federação Hípica Sul Rio Grandense.

Constou o C.G.S. de três eliminatórias e da prova derradeira.

A 1.ª eliminatória, realizada na pista de salto da Fôrça, teve seus obstáculos de 1,30 a 1,50 de altura. O resultado foi o seguinte:

- 1.º lugar: Sérgio Schapke, da SHPA, montando Garoto II;
- 2.º lugar: Cap. Egeu Freitas do DDE, montando Albratroz;
- 3.º lugar: Cap. Omar Azambuja, do DDE, montando Farolito; e
- 4.º lugar: Cap. Atilo Escobar, da BM, montando Ibero.

A 2.ª eliminatória, realizada na carriere da Sociedade Hípica Pôrto Alegrense, de classe "O", com obstáculos de 1,50 a 1,70 de altura, teve o resultado abaixo:

- 1.º lugar, empatados: Sérgio Schapke, da SHPA, montando Garoto II e Cap. Omar Azambuja, do DDE, montando Farolito;
- 3.º lugar: Cap. Egeu Freitas, do DDE, montando Tiaraju; e
- 4.º lugar: Ten. Viriato Duarte, da BM, montando Notívago.

A terceira e última eliminatória, Taça das Nações, realizada no CPOR, teve o seguinte resultado:

- 1.º lugar: Sérgio Schapke, da SHPA, montando Garoto II;

2.º lugar: Cap. Omar Azambuja, do DDE, montando Farolito;

3.º lugar: Ten. Walter Silva, da BM, montando Negro Assis; e

4.º lugar: Ten. Viriato Duarte, da BM, montando Notívago.

Para a disputa do Campeonato Gaúcho de Salto, pròpriamente dito, classificaram-se os seguintes cavaleiros:

- Sérgio Schapke (SHPA)
- Cap. Omar Azambuja (DDE)
- Ten. Walter Silva (BM)
- Cap. Egeu Freitas (DDE)
- Ten. Viriato Duarte (BM).



Na foto acima, o nosso companheiro de farda, Ten. WALTER SILVA, saltando com o seu Negro Assis um dos muitos obstáculos que teve de transpôr para sagrar-se Vice-Campeão Gaúcho de Salto.

Estes foram os que participaram da prova derradeira do CGS, e que graças a suas grandes qualidades de ginete e de "perna", classificaram-se assim:

Campeão Gaúcho: Capitão Omar Azambuja, do Departamento de Desporto do Exército, com Farolito;

Vice-Campeão: Tenente Walter Silva, da Brigada Militar, com Notívago.

Delinquência



INFANTIL

Ten. Maildes Alves de Mello

Dar boa formação ao menor é alicerçar o futuro. Corrigi-lo, fazê-lo um forte e íntegro é torná-lo um fator positivo para a família e para a pátria. Tratar da recuperação do menor transviado é estar dando uma terapia à sociedade. Mas infelizmente todos os esforços até hoje se não têm sido totalmente baldados, infelizmente não têm tido satisfatórios resultados; tem sido um problema insolúvel.

Apesar do desenvolvimento que temos alcançado em pleno século XX o progresso não conseguiu impedir o crescimento da delinquência infantil, bem como o número de abandonados, fator êste que reputamos como um dos principais responsáveis pela delinquência.

Cremos que o nosso admirado romancista francês Victor Hugo não foi muito feliz ao dizer: "Abram-se escolas, que se fecharão prisões".

Tudo os poderes públicos têm feito neste sentido e nada têm conseguido e continuam os nossos "capitães da arêia" batendo em portas de casas, nos portões dos quartéis às horas de refeições e as demais horas vagando pelas ruas em busca das mais variadas aventuras.

Dois são os grandes fatores responsáveis segundo o professor Vidal de Toulouse, os INDIVIDUAIS e os SOCIAIS.

Nos primeiros observa-se a influência da hereditariedade nervosa, alcoólica, sífilítica, tuberculosa que se refletem na raça. O ser oriundo de um destes, nasce incontestavelmente com as mesmas tendências e a sua resistência psíquica é mínima, bem como sua resistência física. Sua alma é um terreno preparado para os vícios e conseqüentemente para o crime; cremos por isto que até certo ponto Lombroso tem suas razões. Entre as condições de hereditariedade podemos citar como mais importantes: a) — Físicas — como por exemplo a tuberculose, a epilepsia, o hipertireodismo e tantos outros que desempenham grande influência na formação individual; b) — As intelectuais — está provado que a deficiência mental, a estupidéz e ignorância têm seus traços de ligação dos pais com os filhos; c) — O temperamento — êste é um fao constatado da hereditariedade e assim sendo (sintomas patológicos), o neuropatismo; deficiência de temperamento, demência; (sintomas morais), temperamento violento, crueldadé, suicídio, ociosidade e irregularidade sexual.

Em se tratando dos "Fatores Sociais" é oportuno lembrar que os

estados emocionais vivos tais como a alegria, o ódio, o ciume podem levar o indivíduo ao crime. E' de ressaltar o papel que sempre desempenhou à delinqüência, estimulando-a e até mesmo instruindo-a, as novelas de rádio, cinema, as leituras mal orientadas de contos em quadrinhos por exemplo, que tomam as crianças em plena formação da personalidade e lhes imprimem uma concepção falsa, despertando o interesse para aventura e procurando com facilidade imitar o que acabaram de aprender e daí se assemelhando a autênticos criminosos.

Já com Watson cai a hereditariedade confirmando-se o ambiente que contribui com 90% para a formação do caráter da criança. E' na escola do lar que se plasma a personalidade infantil que em média vai até os seis anos de idade. As atitudes dos pais e demais pessoas da família, dizem muito do rumo ideológico da criança. Segundo Don João Bosco "a educação da criança deve começar vinte anos antes do seu nascimento" o que quer dizer que antes e sobretudo os pais devem ser bem educados para estarem em condições de bem formarem seus descendentes. Dos fatores ambientais é de salientar o da "rejeição da criança". Os desajustados, transviados são em grande parte rejeitados. Segundo Hilda Lewis são as condições seguintes para a criança ser considerada rejeitada: 1) — A mãe ou o pai sem afeto para com a criança ou com ressentimento, sentindo-se mal com ela, tendo-a somente por compromisso; 2) — Nascimento indesejável e deplorável. Um destes são associados a: a) — Separação de um ou dos dois proenitores por um período longo antes dos 5 ou 6 anos de idade, por viagem, enfermidade, interdição oficial ou morte; b) — ausência de contacto com os pais por haver sido internado em instituição pública; c) — criação por pessoas substitutivas, padrasto, avós, tios, etc. Estas crianças são facilmente identificadas pelos seguintes sinais característicos: 1) — Não apresentam alegria nem espontaneidade; 2) — Seus olhos não têm a candura nem brilho próprios da infância sã; 3) — mostram-se frequentemente distantes do ambiente, isto é, receiosos, fechados, hostis; 4) — sinais de insegurança, ansiedade e angústia. Em resumo, encontram-se expostos a desenvolver atitudes neuróticas, anti-sociais ou parassociais; têm o comportamento de exigir constante atenção ou contrariamente se apertam, tornam-se autistas, constroem um mundo aparte no qual vivem e no qual monologam em suas próprias fantasias. Karpman estudando 114 mães de delinquentes notou que 55 tinham evidentes traços de rejeição. O meio em que vive a criança é um fator social para a conduta dos mesmos. Os filhos dos alcoólatras vivem às soltas, geralmente, sem cuidados, sem educação, fáceis presas da vagabundagem e do crime. A influência da educação dada pelos pais é de grande valor para os filhos. A falta de educação ou de instrução dos menores depende de fatores diversos como sejam: a indiferença dos pais para com os filhos e até mesmo, muitas vezes, de propósito, afirmando eles: "meus filhos não precisam estudar, eu vivo tão bem sem estudos". Outras vezes a necessidade, como o que acontece em algumas

BRIGADA GAÚCHA

zonas coloniais, obriga os pais mandarem os filhos ao trabalho em vez de à escola, quando não, ainda sob a influência d'êste mesmo fator social insolúvel os abandonam pelo trabalho ficando êstes fora de vigilância. Basta muitas vêzes um simples mau conselho de um colega para estar lançado o germen da criminalidade. Um simples furto bem sucedido, um outro mais grave e está o menor palmilhando o caminho da prisão. Outros pais há que ensinam os filhos a roubar e a mendigar para viverem às custas dêstes. Os padrastos e madrastas, em grande número, são exploradores ou indiferentes à sorte dos enteados, fazendo-os, por vêzes, criados dos próprios filhos dando origem a reacções, a desvios de procedimentos. Nas grandes cidades o número de prostitutas não é pequeno e, em alguns casos mesmo, são explorados pelos pais. A pederastia também é bastante acentuada.

Mas diante de tantos sacrifícios baldados eis que surge uma iniciativa promissora. A 17 de dezembro teremos comemorado o 1.º aniversário do "Novo Lar dos Menores" já em fase de conclusão. Emérita obra nascida de uma lúcida idéia, de um coração piedoso que é o de seu idealizador, fundador e incansável batalhador por tão grandiosa causa social, Exmo. Revmo. Arcebispo Metropolitano Dom Vicente Scherer que tem contado desde o início com o apoio do generoso povo da capital.

Esta casa de recuperação terá como nome o título acima mencionado e está sendo construído no Km. 18 quase em frente ao Seminário de Viamão, tendo-se esperança de entrar em funcionamento dentro dos próximos três meses. Sua capacidade inicial será de oitenta menores e contará com departamentos dos mais variados como sejam: ensino primário e secundário, artesanatos com o preparo dos mais variados officios, recreação geral, assistência médica, odontológica, etc.

Destacado pelo Exmo. Revdmo. Arcebispo Metropolitano o Padre Tadeu Gomes Canellas fêz, êste ano em Roma, um curso de recuperação infantil e acha-se atualmnte em viagem pela Alemanha, Suissa e outros países da Europa em visita a estabelecimentos congêneres que por certo lhe possibilitará um eficiente trabalho na frente de tal estabelecimento, ressaltando aqui a opinião pessoal de quem o supõe como possível dirigente.

De qualquer forma estamos certos abre-se uma nova era diante de nós, pois que nossos ministros religiosos têm como atestado de sucesso a abnegação pelo trabalho e o devotamento pela causa a que se dedicam o que sempre lhes serviram como características.

E veremos, dentro em pouco, entrar nesta casa um menor transviado, verdadeiras feridas sociais e pelo mesmo portão sair um homem íntegro, com boa formação técnico-profissional, personalidade bem forjada, em fim um fator positivo para a nossa sociedade.

Felicítamos, pois, a nossa sociedade e nossos menores desajustados, declinando, com real justiça, um voto de louvor e nossas homenagens ao seu idealizador e executor, pedindo a Deus que abençõe esta sagrada obra.

HÁ DEZ ANOS ASSIM ACONTECEU

JACI REGO BARROS

Tal como quantidade constante, na expressão rigidamente matemática, a grande massa de população analfabeta sempre pesou na grande balança simbólica dos problemas sociais brasileiros.

Ao correr do tempo, muitos se preocuparam com o magno problema e com a sua solução.

O caso, entretanto, não era o de ataques parciais e de soluções, também parciais, dependentes de uma providência acertada aqui e de outra bem orientada mais adiante. Assim não o era, porque um caso de amplitude, como o do analfabetismo entre nós, deveria ser atacado por um trabalho de ordem geral, envolvendo, por isso mesmo, todo o território nacional.

Mas não nos devemos esquecer de que estamos em uma República Federativa, e que, em tal caso, se partem e se repartem atribuições entre a União, os Estados, os Municípios e os próprios particulares.

A alfabetização das massas iletradas, em tal caso, deveria gravitar em torno de um eixo que possibilitasse uma eficiente movimentação a todos fazendo entrosar em seu sistema. E, para boa sorte da educação dos adolescentes e adultos analfabetos, que, lamentavelmente, sobem a milhões em nossa terra, toda uma programação de grandes mestres foi posta em funcionamento nos campos da prática, resultando essa obra magnífica que se chama Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos.

E há dez anos assim aconteceu, ainda em dias da dirigência do Prof. Lourenço Filho, sendo, por isso mesmo, instalada uma nova ordem de trabalhos educacionais, a Educação de Adolescentes e Adultos, tarefa patriótica que não estancará enquanto houver um brasileiro por alfabetizar em nosso País.

teu cenário é uma beleza

Com o título acima, iniciamos, hoje, esta secção-concurso permanente.

Terá ela dupla finalidade. Uma, descobrir entre nossos companheiros de farda os artistas fotográficos. Outra, proporcionar brindes e a publicação em Brigada Gaúcha das melhores fotos que nos forem remetidas.

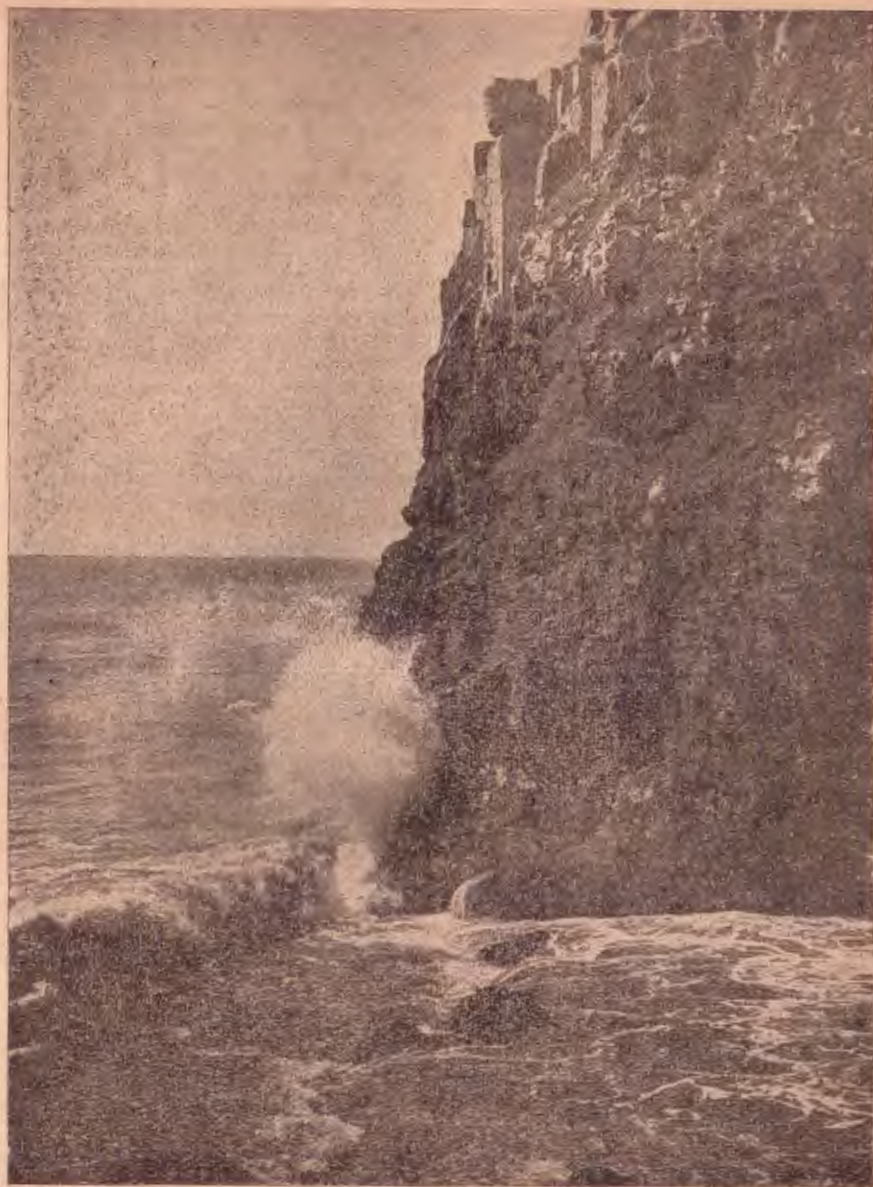
Esta secção-concurso permanente, visando divulgar muitos dos belos recanto dêste torrão gaúcho, que é o Rio Grande do Sul, obedecerá as seguintes condições:

- 1 — Poderão participar dêste concurso todos os leitores de Brigada Gaúcha.
- 2 — As fotografias devem ser, exclusivamente, de cenas campestres, paisagens, cenas de galpão, etc., acompanhadas de uma legenda que explique seu conteúdo.
- 3 — As fotos devem ser do próprio autor, que nos enviará uma cópia em papel brilhante, de tamanho 13x18 cm. ou 18x24 cm.
- 4 — Pela ordem de chegada à redação, iremos publicando as que nos parecerem mais significativas e artísticas.
- 5 — Por cada fotografia publicada, seu autor receberá um exemplar de uma obra literária ou técnica, como prêmio.
- 6 — Remessa de fotos para: BRIGADA GAÚCHA (S. C. P.) — Quartel General — Brigada Militar — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul.

Está, pois, aberto o concurso. Mãos na máquina de retratar e vamos fotografar o Rio Grande do Sul, sua gente, sua terra, com o seu cenário que é uma beleza!

Na foto ao lado, a objetiva do 2.º Ten. IRINEU VIEIRA DA SILVA, do Corpo de Bombeiros, colheu o momento exato em que uma onda se chocava com as rochas que à TORRES trazem, inebriados, o maior número de turistas e veranistas de todo o mundo.

Não há dúvida, Rio Grande, o TEU CENÁRIO É UMA BELEZA!



teu cenário é uma beleza

PERSEGUIDO

CONTO DO

TEN. CEL. ALFREDO JAQUES

De repente compreendeu que vinha sendo perseguido. Deteve-se. Os dois soldados que haviam dobrado a esquina quando se aproximara do poste, entrepararam. Na outra extremidade da rua, onde o clarão do bico de luz não alcançava, moviam-se sombras suspeitas.

O céu era um bloco de carvão, a atmosfera pesava.

O foco que pendia do poste, uma fraca lâmpada de vinte e cinco velas, iluminava frouxamente o local.

O terreno baldio à sua espalda, coberto de arbustos e ervas, fechado por um tapume de madeira, atravessava o quarteirão de lado a lado. A cerca era baixa, fácil de se transpôr.

Assim como pensou, agiu. Sacou do revólver, arrebentando a lâmpada com um tiro. Saltou o tapume no momento em que os soldados caíam-lhe encima.

Alvejou-os ao rumo. Um tombou, gemendo ao estatelar-se na calçada. E êle acocorou-se junto ao tapume, a respiração suspensa, o revólver engatilhado.

Uma voz advertiu, nervosa:

— Se cuidem, que o homem é perigoso!

— E só agora é que vocês sabem? — gritou êle em tom chocarreiro.

Uma saraivada de balas foi a resposta. A descarga, estilhaçando a madeira, transpassou-lhe uma orelha. Enfurecido, ergueu-se e premiu o gatilho até esgotar a carga da arma. Correu, escondendo-se entre as plantas, o ouvido à escuta, o sangue a escorrer do ferimento.

Na rua, tiros espoucaram, isolados. Depois, percebeu falas, rossoar de passadas. Recolhiam o baleado.

Aproveitando a trégua, afastando-se de gatinhas, atravessou o terreno indo esbarrar na cerca do outro lado. Levantou-se, cauteloso, espiando a rua, quieta.

Nada conseguiu lobrigar. Não enxergava a um palmo diante do nariz. Tudo era trevas que se enovelavam traiçoeiras e impenetráveis.

O rumor de passos, o roçar de peças de equipamento denuncia-

ram-lhe a presença dos soldados. O facho de uma lanterna elétrica varreu o céu, mas tão pronto como acendera, apagou-se.

— Me cortaram a retirada — balbuciou, raivoso.

Abriu o tambor do revólver, pondo-lhe nova carga.

— Bueno, já que eu vinha prá casa, quem é que me ataca? — desafiou, mentalmente.

E, ora agachado, ora de quatro pés, cortou caminho, metendo-se no meio das ervas, até um muro barrar-lhe a passagem.

Saltou-o. Pulou outros muros, transpôs cercados. Entrou em páteos, pisou jardins, calcou hortas, sempre para a frente, impellido pela fúria insensata de chegar em casa. Os ladridos de um cão encheram-no de sobressalto; talvez fossem acusar o lugar por onde andava. Finalmente, achou-se em sítio conhecido.

Soube pelo capim alto, de rama dura e espinhenta, fôlhas ásperas e cortantes que arranhavam a pele ao menor contato.

Tropeçou em uma lata, imobilizando-se, os músculos tensos, o ouvido atento. Ao reiniciar a marcha, guiado mais pelo instinto do que pela visão, pois o negrume era denso e êle não tinha olhos de gato, esbarrou na porta dos fundos da casa. Tateou a frincha entre os batentes.

Colocou o revólver no coldre e, tirando a faca que trazia na cintura, introduziu-a na frincha, fazendo saltar o trinco.

Dentro de casa, fechada a porta, riscou um fósforo, percorrendo um corredor, até a chama extinguir-se, queimando-lhe os dedos. Riscou novo fósforo, entrando em seu quarto.

Sôbre a penteadeira, a primeira coisa que viu foi o retrato "dela", na moldura que êle próprio colocara. Ao lado, o castiçal de ágata, com um tóco de vela.

Acendeu o tóco, olhando em roda.

Ali, há muito tempo, ninguém

penetrara. Dizia-o a cama de casal, com a colcha esticada, coberta com uma camada de pó, as teias de aranha sujando as paredes e o cheiro a môfo, que êle tanto detestava, porque lhe recordava recintos úmidos, prisão, cadeias ou coisa que o valha.

Aproximando-se do móvel, apanhou o retrato, contemplando-o, pensativo.

— Já vês o que me aconteceu por dares corda a um malvado — falou-lhe em um sussurro.

Lembranças amargas enuviaram-lhe o semblante.

— Tá certo, — cochichou — êle também levou a sua conta.

O espelho da penteadeira refletiu-lhe a imagem: uma fisionomia magra, de maçãs pronunciadas, olhos de febre, coruscantes, a bôca apertada, onde a resolução e a cólera tinham sumido o relêvo dos lábios. O sangue da orelha estancara. Empastara-se no lóbulos, reluzindo, negro, brilhante, como um estranho brinco disforme.

Repondo o retrato no lugar, estirou-se na cama, os braços cruzados atrás da cabeça, a refletir e rememorar, esquecido do presente. Na vida sucediam fatos incompreensíveis. O homem que matara não era boa bisca. Mas pertencia a família de realce.

Era médico, casado, irmão do prefeito. Prevalencia-se da profissão para desencaminhar a mulher do próximo. No entanto, estimavam-no. O mundo tinha dêsses contrastes: exaltava os patifes, prestigian-do-os pela posição que ocupavam e perseguia os humildes que não tinham em quem agarrar-se.

E "ela"? Por onde andaria?

Arriscara-se essa noite, procurando-a. Viera de longe, abandonando seu esconderijo. Saudades? Vá um ente adivinhar! Podia ser, como também, ganas de botar tudo em pratos limpos, de acabar com a desconfiança que vivia a martirizá-lo.

Batera no rancho de um antigo empregado, tirando-o da cama. O

peão, ao vê-lo, parecia ver o diabo em pessoa. Endureceu-lhe a língua, gaguejou: "Sua muié?" "Num sei, diz que foi imhora da cidade." "Quando?" "Isso, há dois meses, logo que vacê baleou o doutor."

As suspeitas cresceram ao observar os modos do outro, que falava, cuidando-o de soslaio.

"Num sabe que a sua cabeça tá a preço?", tartamudeou o caboclo. "Minha cabeça?" "O prefeito paga bem a quem descobri o seu paradê-ro."

— Vá a gente fiar-se em ordinários — resmungou, sorrindo.

O espelho devolveu-lhe o sorriso: um esgar desdenhoso, mistura de ódio e desprezo.

Não tinha dúvida, o peão o a-traíçôara, pondo as autoridades no seu encalço.

De inopino, entesou-se, sentando-se na cama. No exterior, na noite escura como breu, pressaga como o destino de um homem sem sorte, um estalido quebrou o silêncio.

Levantou-se. Agarrou o retrato, guardando-o entre o peito e a camisa. Empunhou o revólver, soprou a vela e, tateando no escuro ganhando a peça vizinha, procurou a porta da rua.

— Na certa se emboscaram na praça — murmurou consigo.

Já na porta, ajoelhou-se, torceu a chave, escancarando a fôlha, de um golpe.

Um estrondo como se o mundo viesse abaixo. A descarga, zunindo-lhe rente a cabeça, zumbindo como um enxame de mamangavas, aplastou-se no fundo da sala, derubando calça.

Ele fechou a porta, chaveou-a.

E, erguendo-se, colocando-se à parede, abrindo uma janela, quebrou o vidro atirando para a rua. Replicaram-lhe. E a fusilaria crepitou, nutrida, feroz, como em tempo de revolução, no assédio de uma praça.

— Estão entretidos, mas, ao amanhecer, vão tentar o assalto — falou sôzinho, carregando o revólver.

As apalpadelas, retornou ao quarto, onde, encontrando a cama, espichou-se de comprido.

Na rua, o tiroteio continuava, povoando a cidade de écos, alarmando os moradores, assustando as famílias.

Ele riu-se, baixinho:

— Dêsse jeito, não deixam ninguém dormir.

Acomodou-se na cama. A moldura do retrato maguava-lhe a carne. Espalmando a mão, aconche-gou-o ao peito.

Lá fora, o pipoquear esmoreceu, reduzindo-se a detonações esparsas, intermitentes. Por fim cessou. Então, um barulhinho macio, monótono e contínuo tomou conta do ambiente — era a chuva que tom-bava.

Clareava o dia. O céu limpara-se. Na praça, um estampido, sêco, inesperado, reboou. Partira da casa na qual se concentrava a atenção dos soldados. O ruído interrompeu a matizada dos pardais no arvoredado. Instantes depois, êles recommearam em uma algaraviada de pios e trinados que era um verdadeiro hino à vida. Decorreu, porém, algum tempo para que o primeiro soldado se mostrasse, saindo detrás de uma moita de flores. Outros foram surgindo, empunhando os fusis, desaparecendo-se dos bancos, das sebes, das árvores.

Um grupo de civis, armado, juntou-se-lhes, e todos, em bando, avançaram para a casa.

Do coreto, no centro da praça, destacou-se um paisano, com uma "winchester" na mão, o ar esgazeado de quem passara mal a noite. A êle reuniram-se duas outras pessoas que, pelo aspeto, pareciam importantes.

— O senhor ouviu o tiro, delegado? — perguntaram-lhe.

O rosto do homem, demarcado pelas emoções e a vigília, transfigurou-se em uma expressão de desafôgo:

— Ouvi sim... Louvado seja Deus, o sujeito matou-se!

CANTINHO

DA

I. B. C. M.



Pelo
1.º Ten.
AMORIM

Desde há muito tempo, que nós brigadianos, sentimos a falta de algo capaz de esclarecer as dúvidas, surgidas a respeito da nossa IBCM e os Estatutos que a regem, pois muito embora o nosso Órgão Beneficente, seja único, sempre existem aqueles que desconhecendo causas e motivos, encontram o que falar.

Vivendo mais de perto que outro associado, sentindo mais de frente os problemas que Ela enfrenta, nós, julgamo-nos mais do que ninguém, autorizados a falar de cátedra, Dela e dos seus problemas.

Assim pensando, solicitamos a colaboração da Brigada Gaúcha, a revista do brigadiano e, creamos este cantinho, onde tentaremos, modestamente, elevar como merece, Ela, a nossa Instituição, a quem, muitos devem e poucos reconhecem.

A partir de agora, estaremos contigo, amigo sócio, neste cantinho, tentando esclarecer tuas dúvidas, a luz dos nossos Estatutos. Desde já terás à tua disposição, um artigo de fundo, uma secção — Esclareça suas dúvidas — e outra humorística, sobre os fatos da semana, se possível, em fotografia.

Nosso endereço à disposição:

I.B.C.M. — Farmácia Central — Barão do Triunfo, 175 — Menino Deus — Pôrto Alegre.

I — A FARMÁCIA CENTRAL

E' a farmácia dos sócios da Instituição.

Você é sócio da I.B.C.M., meu amigo?

Sendo praça, obrigatoriamente o é; sendo oficial ou inativo, você tem assegurado o direito de livre escolha, podendo ser ou não ser, se assim quiser. Sendo sócio, lerá este artigo com atenção, pois nêlo encontrará algo que lhe diz respeito. Não sendo, lê-lo-á igualmente, por ser a curiosidade, uma qualidade nata da pessoa. Em ambos os casos tanto um como o outro, encontrarão alguma coisa de interesse.

Nossa Farmácia Central, pertencia a Brigada Militar e localiza-se à Rua Coronel Belo, funcionando junto ao Laboratório de Pesquisas Clínicas, onde hoje se instala aquêle maravilhoso Laboratório Químico Farmacêutico, sob a orientação do Snr. Major Dr. Jorge Olivela Lorangeira, e a Sociedade Médica da Brigada Militar. Sob o Comando do Snr. Coronel Walter Perachi de Barcelos, tanto a Farmácia Central como o Laboratório de Pesquisas Clínicas, passaram para a Instituição e, com a compra do prédio onde ela atualmente tem sua sede, vieram um e outro.

Aumentando continuamente, o número dos seus sócios, nossa Farmácia torna-se pouco a pouco pequena para contê-los, enquanto que

BRIGADA GAÚCHA

o seu movimento de compra e venda aumenta extraordinariamente. Embora muito se compre, embora muito se venda, embora estes dois movimentos, somente sejam igualedos por poucas Farmácias no Estado, faltam todos os dias determinados medicamentos e nós ouvimos também, todos os dias as já clássicas palavrinhas: — “Esta Farmácia não tem nada”.

Ora quem muito vende, muito compra e, se o responsável pela Farmácia, na ilusão momentânea de grandes vendas, permitir o desequilíbrio entre uma e outra, todos os planos ruirão por terra, já que compras significam crédito; crédito, pagamento pontual e este último, dinheiro, que é o resultante das vendas. Quando as Vendas são grandes, a Receita é grande; se pequenas, a Receita é pequena. Quando se vende muito, compra-se muito, quando se vende pouco, compra-se pouco. Do equilíbrio entre a Receita e a Despesa, nasce a prosperidade e o progresso do Órgão comercial: — Compras maiores que as vendas ou sem possível cobertura, trazem o atraso no pagamento, o descrédito e a falência. Fácil de verificar este adágio, na nossa própria vida familiar. Uns controlados, outros descontrolados. Uns gastando exatamente o necessário, dentro de um orçamento financeiro doméstico. Outros gastando em demasia, comprando o desnecessário, o supérfluo, completamente em desajuste com os seus vencimentos. Os primeiros ao chegar o fim do mês, receberão líquido, os outros, passarão a estudar “Farmácia” recebendo a clássica cobrança, com aviso as diversas repartições da Fôrça, etc., etc..

Você então meu amigo, cheio de curiosidade, perguntará agora: — E porque os preços da Farmácia são mais caros? Nós responderemos, dizendo que em 1.º lugar, os nossos preços são inferiores aos de qualquer Farmácia, na Capital e, que somente as nossas faltas, custam mais caro, o que se justifica, pois havendo urgência no receituário, entregamos ao sócio, uma ordem para a Drogaria e, sobre os preços dela, nós dentro do que preceituam os Estatutos, cobramos uma taxa de 10 por cento. Ora meu amigo, se a Drogaria, já nos vende o produto em igualdade de condições às Farmácias e, se sobre este ainda colocarmos a taxa, é lógico que o preço será mais caro que o da Farmácia mais careira.

Você perguntará então: — Por que não compram aos Laboratórios? Para respondê-la, retornaremos ao equilíbrio de Compras e Vendas. O nosso mês comercial vai de 15 a 15 e as nossas compras iniciam no dia 15 de cada mês. Iniciadas as compras, dentro de um orçamento pré estabelecido, chega o momento em que devem parar, pois é sabido que a variedade de medicamentos é bastante grande e nós não podemos pensar em comprá-los todos, cousa que nem as grandes drogarías fazem. Desde que atingimos o orçamento, fixado de antemão, surge-nos o problema das faltas, problema importantíssimo, se nos ativermos a lembrança de que a maioria dos nossos associados, quase sempre, não dispõem de verba para comprá-los fora. Aí, meu amigo, começa um problema, que não sendo nosso, o é, pois muito embora os nossos Estatutos, nada falem a respeito de faltas, vemo-nos obrigados por fôrça de uma situação particular de cada um, a procurar atender dentro das nossas possibilidades. Agora nós perguntamos: — Como comprar sem ferir o orçamento? Resposta, é a ordem dada a Drogaria, pois comprando exatamente a receita pedida, nós sabemos de início que o débito ocasionado pela compra, é reposto no fim do mês pela

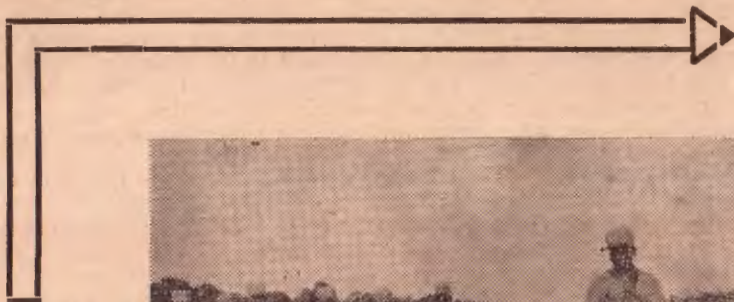
cobrança e a nossa I.B.C.M., que o afiançou, ganha a sua taxa, bem pequena, quando se considera que muitas vêzes, Ela espera pacientemente para usufruí-la. Não satisfeito, você perguntará: — E se comprasse ao Laboratório? Ora, os Laboratórios em geral, por força de normas de serviço, só atendem faturas nunca inferiores a Cr\$ 1.000,00 e se nós a tôdas as faltas, comprássemos faturas naquela importância, muito cêdo, teríamos as prateleiras cheias de medicamentos e o nosso crédito abalado, por não têrmos a necessária cobertura em metal sonante.

Você agora mais satisfeito, perguntará ainda: — Por que custam tanto a nos atender, fazendo-nos esperar sem necessidade? Por falta de empregados. Nós não podemos abusar da cooperação da nossa Brigada, tentando desviar seus elementos para cá. Um balconista, deve ter alguma prática e não se fazem de um dia para outro. A receita médica, muito embora por Lei, seja obrigatória em letra legível, na sua maioria é verdadeiro hieroglifo, o que torna o balconista um Champollion. Dia virá, em que para atendermos o número dos nossos sócios, será necessário a contratação de elementos civis, com prática; nesse dia e daí para frente meus amigos, os preços mudarão, pois para pagá-los, será necessário o aumento da taxa nos medicamentos. Por ora, é preferível esperar e comprar mais barato, do que ser prontamente atendido e pagar... caro. E' bom sempre lembrar, que muito embora a nossa Farmácia tenha um grande estoque, nós não o podemos renovar todos os anos como fazem as lojas de variedades. Pudéssemos nós e muito em breve, pareceriam dizeres como êste: — Tônico poderoso, de Cr\$ 80,00 por Cr\$ 50,00; A bomba do ano, loção própria para os Calvos, de Cr\$ 200,00 por Cr\$ 60,00, e assim por diante.

Finalizando meu amigo, os nossos agradecimentos pela atenção e pela oportunidade que tivemos em dar ligeira explicação. Sempre que o médico receitar, de posse da receita, procura na cidade a mais barateira das Farmácias e faz o teu orçamento; vem depois a nossa e verifica os preços. Em pouco tempo tú mesmo desfarás essa onda de má vontade, pois acabarás verificando que o apregoado, é a pura veracidade. Nossos preços, quando comprados os medicamentos aos Laboratórios, não encontram concorrentes.

Assim satisfeito, procurarás julgar os casos com igualdade de ânimo, ao lembrares, que os funcionários públicos, com Sociedade semelhante a nossa não dispõem da facilidade que os sócios da IBCM possuem, de comprar à crédito, obrigando-os a fazer as compras a dinheiro, ou procurar uma Farmácia amiga, onde comprarão enquanto os seus vencimentos permitirem um pagamento pontual. Quantas vêzes, você meu amigo, com um filhinho ou um familiar amado, às portas da morte, nas frias madrugadas, procurou sem dinheiro no bôlso, os medicamentos capazes de o salvar? Ponha a mão na consciência e verifique se alguma vez lhe foi negado o medicamento, muito embora você não fôsse sócio. Podê ter acontecido encaminharem-no a outra Farmácia de plantão, mas não o deixaram sem remédio. Assim pois, quando no ódio momentâneo de um insucesso, o meu amigo não houver recebido o que julga com direito, espere e conte até o momento em que com calma, junto a pessoa compreensível e bem intencionada, possa explicar o que o perturba, pois os Estatutos asseguram-lhe os seus direitos de sócio e os seu deveres e, só quem cumpriu com os seus deveres, pode e deverá reivindicar direitos.

A BRIGADA DE HOJE



Texto
do
**2.º Ten.
CARLOS
JONATAS
SPALDING**



Outrôra manôbras e combates! Hoje "Polícia queremos ser, na paz e na guerra! Só polícia! Nada mais!"

A Brigada Militar de hoje, deixou aquelas velhas lides militares que as situações de épocas remotas exigiam, para abraçar sua superior destinação: POLICIAMENTO.

Se outrora um 2.º RC vencia Honório Lemes num Combate da Conceição, hoje uma Companhia

de Polícia permite que o povo, numa estação rodoviária ou ferroviária, num Aeroporto Salgado Filho, embarque e desembarque livre de preocupações e veja a mão amiga dum "Pedro ou Paulo" apontar: — E 'ali, meu Senhor!

Se outrora um Coronel Pilar da-

va vitórias à legalidade em Cerrilhada ou Ipamoroti, hoje, um Regimento de Polícia Rural Montada vence moléstias, epizootias, e toda calamidade pública que sem a vigilância do "aba larga" imperava na zona rural gaúcha.

Se outrora um 1.º BC inebriava-se no sabor da vitória num Km 298, hoje, um Corpo de Bombeiros, dia e noite de olhos abertos, zela e protege o bem e a vida alheia do pavor do fogo.

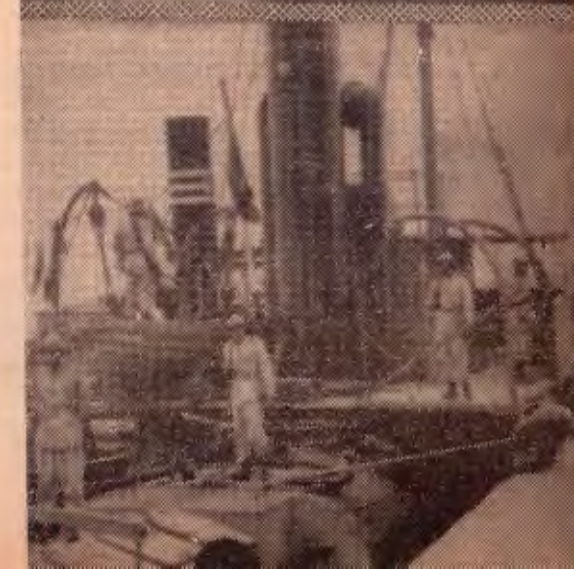
Se outrora as situações exigiam a espada, hoje, a vida moderna exige que a Brigada Militar se mantenha alerta para a existência de ordem perfeita entre os homens de boa vontade.

E' uma consequência do desenvolvimento do intelecto humano que apreciamos. Armas em último caso. O povo reclama seus direitos. A Brigada zela seus pertences enquanto isso.

Para tal, aí está ela, atendendo solicitações diversas para ajudar a resguardar o direito do homem.

Se na foto da página anterior vemos uma cena de campanha, por volta de 1903, vemos metralhadoras aprestadas para as marchas bélicas, nas outras vemos os brigadianos dos batalhões de caçadores, orgulhosos, resguardando navegações enquanto a classe marítima reivindica o que de seu direito julgava.

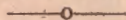
Esta é a transformação radical que notamos na **Brigada de hoje**. Nada de revoluções. Nada de lutas. Apenas policiais militares resguardando direito, zelando patrimônios. E' o século XX que evolui. E' a Brigada Militar que abraça, com o aplauso do povo, a nobre missão de **POLICIA**. Polícia como o homem quer: defensora, ordeira, **DE CONFIANÇA**.



Grêmio Beneficente

JOÃO ADAUTO DO ROSÁRIO

Recebemos do Grêmio Beneficente "João Adauto do Rosário", a notificação da nova diretoria que regerá este grêmio, que congrega os cabos e soldados do 4.º BC, no ano de 1957.



ASSEMBLÉIA DE REPRESENTANTES

Presidente — Cb. Cristóvão Fernandes
Vice-Presidente — Cb. Ademar Silva
1.º Secretário — Sd. Faustino Barcelos dos Santos.
2.º Secretário — Sd. Manoel Luiz de Borba

CONSELHO DELIBERATIVO

Cb. Mário Pereira de Oliveira
Sd. Atilano Silva
Cb. João Nepomuceno Duarte
Sd. Oltomar Pereira Gonçalves
Cb. João Clóvis Soares Martins
Sd. Atilano Acosta.

CONSELHO FISCAL

Cb. Amauri Cassiano Crespo
Sd. Antônio Santos
Cb. Cedelino Feijó
Sd. Antônio Cândido de Almeida

DIRETORIA ADMINISTRATIVA

Diretor — Sd. Ademar Lima Peluff
Sub-Diretor — Sd. Lourival Ferreira da Costa
1.º Secretário — Sd. Antônio Carlos Rodrigues
2.º Secretário — Sd. Darci Saboia Avendano
1.º Tesoureiro — Sd. Wilmar Garcia
2.º Tesoureiro — Sd. Oswaldo Dias.

A nova diretoria, BRIGADA GAÚCHA deseja a maior felicidade nas realizações que êsse benemérito centro, por seu intermédio, proporcionar aos seus associados.

20 Anos de Formatura

ASPIRANTES DE 1936



Nas fotos, um aspecto da mesa do galeto comemorativo ao 20.º ano de formatura; e o Cap. Plínio Figueiredo Pinto discursando em nome da turma.

Festejaram dia 12 de dezembro o seu 20.º ano de formatura os oficiais da Brigada Militar que concluíram o Curso de Preparação Militar em 1936.

Naquela data, pela manhã, foi celebrada uma Missa "in memoriam" dos colegas já falecidos. A noite, no Restaurante Independente, congratularam-se os formandos, tanto da ativa como da reserva, com um galeto.

Foram os seguintes oficiais que se formaram no ano de 1936: Coronéis João Francisco Sofia, Aron Castro, Jorge Adão Fetter, e Jandir Bica Fernandes; Tenentes Coronéis Nery dos Santos, Getúlio Mario Zanchi, Jarcy de Azevedo Queiroz, Homero Pereira da Rosa, Pautilho Pathares, Alcebiades Francisco dos Santos, Florêncio José de Oliveira, Jardini Tombesi, Aldo Cortez Campomar, Marco Antônio de Andrade, e Agrimério José Alves; Majores Joaquim Oswaldo Putten, Fábio Pereira Gomes, Philopolemo Canabarro Travassos Alves, Heitor Castro de Oliveira, Hermano Wolff, Carlos Pandolfo, Francisco Samuel Joffre Tomatis, Silanus Monteiro Sefferin, Renato Moro Ramos, e Julio Carva-

BRIGADA GAÚCHA

lho Carpes; Capitães Plínio Figueiredo Pinto, Samuel Franz Wagner, Ercílio Simões Pires, Antônio Mendes Filho, Mauro Pereira Caloy, Adão Castorino da Silva, Conceição Maciel Trindade, e Maríno Caseli; Primeiros Tenentes Cavour Tombesi, Silvio Pôrto, Mario Sparano, Aurélio Amorim, Arthur Franco Godoy, e Angelo Villanova Gralha; Segundos Tenentes Alfredo Alberto Siqueira Gomes, e Danilo Dias Pinto; Sargento Cid Bertier. Dêstes já faleceram o Ten. Cel. Alcebiades Francisco dos Santos, 1.º Tenentes Aurélio Amorim, Arthur Franco Godoy e Angelo Villanova Gralha; 2.º Tenentes Alfredo Alberto Siqueira Gomes, e Danilo Dias Pinto.

O orador da turma, no dia do 20.º ano de formatura, foi o Capitão Plínio Figueiredo Pinto. Sua bela e carinhosa oração transcrevemos a seguir.

— x —

“Por imposição de um grupo de colegas de turma, coube-me a tarefa de dizer algo sôbre esta nossa reunião de camaradagem.

Há 20 anos concluímos o Curso de Preparação Militar — o nosso C.P.M. — Dêle saímos com a convicção de que nos competia, na Tropa, honrá-lo, dando cumprimento à nobre missão de instruir, cooperando assim para manter a eficiência da nossa Brigada Militar, já evidenciada por cêrca de um século de trabalhos e de lutas.

E essa arraigada convicção era fruto da sistemática doutrinação do nosso Diretor — o esforçado e dinâmico Cel. Cavalcanti, já falecido no pôsto de general — e a quem reverenciamos, ao repetir, mais uma vez, uma das suas notas ao pé da página dos nossos polígrafos — os “pro li-xo”, em nosso linguajar irônico e irreverente daquêles recuados anos juvenis:

“Alunos do C.P.M.!

A missão do oficial é educar e instruir e para isso é preciso saber. O chefe de qualquer grau se impõe pelo saber e não pelas imposições dos distintivos do uniformê, da hierarquia e da letra fria do Regulamento!

Estudem! Estudem muito!”

E ainda outra dessas notas:

“Aos alunos!

Quando comandarem na Tropa dêem assistência ao soldado. O soldado quer bem ao superior que o assiste, que vive com êle a boa e a má sorte!

A disciplina mais sã é a que previne e não a que corrige, assistir o soldado é prevenir.”

Prezados colegas de turma! as duas notas que trouxe à vossa lembrança encerram todo um programa a cumprir no decorrer de uma vida inteira.

E quando esta agradável reunião já for passada, certo, evocaremos o sentido dessas notas, os sábios e profundos conceitos que elas conden-

sam, e não deixaremos de fazer um exame de consciência, após o qual sentir-se-ão felizes aquêles de nós que verificarem que a recordação daquêles conceitos não nos deixam menos tranquilos.

Nesta nossa reunião nota-se a ausência involuntária de alguns, cujos afazeres não lhes permitiram compartilhar dêste breve retôrno no tempo. E a ausência de outros porque a morte privou-nos de seu convívio. E a de outro ainda — o Bertier — cujo destino implacável lhe roubou a razão, peor que a morte, talvez.

Os mortos são o Alcebiades, o Siqueira Gomes, o Amorim, o Danilo, o Godoy e o Gralha, todos êles bons camaradas.

Quero especialmente lembrar a inesgotável “verve” do Gralha — o nosso Angelo Cornelio Roncalho Bugalho Esperidião de Almeida Porto Azambuja Vilanova Gralha — tão vivo em nossa afeição, como se aqui se achasse presente.

Dêle podemos dizer com o poeta:

“Quantos mortos guardo vivos
no fundo do coração.
Dentro de mim, quantos vivos
Há muito mortos estão.”

Cumpre-me agradecer, em nome da turma de 1936, a presença honrosa do Sr. Comandante Geral, Coronel Ildefonso Pereira de Albuquerque, e do Sr. Chefe do Estado Maior Geral, Tenente-Coronel Manoel Monteiro de Oliveira, que nos apoiaram moral e materialmente, para que pudéssemos ter conosco os colegas residentes no interior do Estado.

Propositadamente deixei para o final um agradecimento: ao nosso Paraninfo — O Sr. Coronel Aldo Ladeira Ribeiro, ilustre Juiz Presidente da Colenda Côrte de Apelação, que nos distingue com sua companhia.

A êle devemos o apoio oficial às solenidades de nossa formatura. Foi o Sr. Coronel Aldo, com seu prestígio, que nos possibilitou a vinda a esta Capital, após meses do encerramento do C.P.M., num período conturbado de nossa história — já todos oficiais e Aspirantes.

E foi ainda o nosso Paraninfo quem obteve a doação das nossas espadas, vencendo resistências, em prol de nossa turma, de cuja gratidão se fêz credor.

E digamos de passagem, sem vaidade e sem modéstia:

A Turma de 1936 possuía um tanto de varonil rebeldia, e tal, que não quisemos distinguir ninguém como homenageado, nem fizemos Quadro de Formatura.

Organizamos, sim, êste Album, que cada um de nós guarda com carinho e revê com saudade.

Aos colegas de turma presentes, dizemos que, mais uma vez, “responderam à chamada”.

E a todos, o nosso muito obrigado.

Galeria dos Bacharéis



Cel. Edson Ketzner

— MEDICINA —

Galeria dos Bacharéis



1.º Ten. João Casanova Filho
— ODONTOLOGIA —



119.º

Brigada Militar do Estado, esta tua geração, profundamente inculcada do teu trabalho de manutenção da ordem pública, é com a maior satisfação que aprecia o teu 119.º aniversário de criação!

Éstes que hoje, fazendo parte do serviço ativo, com a consciência tranquila de que cumprem com o seu dever, aqui estão presentes de corpo ou de espírito, serenos e confiantes no teu brilhante futuro.

Tu, que foste criada em 18 de novembro de 1837, com o fim de pôr cõbro ao bandeirismo que assolava a campanha riograndense, vens sofrendo uma série de transformações que te colocam hoje, entre as mais bem organizadas instituições do país.

Nesta tua data máxima, o Rio Grande em pêso rendeu-te homenagens. Ativos e Inativos calcados no princípio de união em tórno de ti, festejaram teu 119.º ano.

Nestas reportagens que publicamos a seguir, fixamos alguma coisa das muitas que foram feitas para ti no teu dia.

Que o Supremo Criador continue sempre iluminando tua magna existência para a felicidade do torrão e gente gaúcha.

Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul

LEY PROVINCIAL

N.º 7 de 18 de Novembro de 1837

Antônio Elzeario de Miranda e Brito, Presidente da Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul. Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembêia Legislativa Provincial Decretou, e eu sancionei a ley seguinte:

Artigo 1.º — A Força Policial da Provincia durante o anno financeiro, que finda a 30 de Junho de 1838, he fixada em tresentas e sessenta e trez praças de pé ou à cavallo, segundo o Presidente da Provincia julgar mais conveniente.

Artigo 2.º — Sua organização, disciplina, e vencimentos serão os mesmos da tropa de primeira linha.

Artigo 3.º Esta força terá por fim auxiliar as Justiças, manter a boa ordem, a segurança publica assim na Capital, e seus suburbios, como nas Comarcas por Destacamentos, não podendo ser distrahida deste serviço, excepto no de invasão de inimigos.

Artigo 4.º — Estará sujeita directamente ao Presidente da Provincia, que a poderá dissolver, quando a segurança publica o exigir.

Artigo 5.º — Será preenchida por meio de engajamento de Nacionaes ou Estrangeiros, de 18 a 40 annos com boa conducta moral, e civil, attestada pelo Julz de Paz respectivo, tendo preferênciã os que serviram na primeira ou na extinta segunda linha do Exercito. Na insuficiencia do engajamento para o qual o Presidente marcará um praso razoavel, terá lugar o recrutamento na forma das Leys em vigor; os recrutados servirão por quatro annos, os engajados por dous ou menos.

Artigo 6.º — Ficam sem effeito as disposições em contrario.

Mando por tanto a todas as Autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Ley pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém. O primeiro Official, que inteiramente serve de Secretario desta Provincia a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio do Governo em Porto Alegre aos dezoito dias do mez de Novembro de mil oito centos trinta e sete, decimo sexto da Independencia e do Imperio.

JOÃO ELZEARIO DE MIRANDA E BRITO

— o —

(A presente Lei foi "registrada a fl. 46 v. do Livro 1.º de Leys" por Prudencio José da Camara e Sá, e a transcrevemos com a ortografia oficial do ano de 1837).

No C.O.I.

A Primeira Solenidade

por **Carlos Jonatas Spalding**
2.º tenente



Quando na tarde de 17 de novembro, chegamos no casarão da Avenida Getúlio Vargas, a sede do Centro dos Oficiais Inativos da Brigada Militar, nos sentimos como se tivéssemos penetrado num quartel. O mesmo ambiente que estamos acostumados a ver diariamente mora entre os inativos.

Também eles, embora muitos há bastante tempo tenham deixado os quartéis, rejubilavam-se em ver a gloriosa e querida Brigada Militar, que sãbiamente nos legaram repleta de tradições, completar mais um ano de existência. Tivemos a nítida impressão que para os inativos lá presentes, o 119.º ano de organização da Fôrça era como é para um pai o 15.º aniversário da filha mimosa.

Foi, pois, neste clima de vibração e camaradagem, que tivemos a honra de assistir a primeira solenidade comemorativa ao 119.º aniversário da Fôrça.

A singela, mas expressiva reunião foi aberta pelo Ten. Cel. Inativo Lourival Rodrigues Sobral que em rápidas palavras expôs as

razões da reunião, passando em seguida o verbo ao Cel. Inativo Raul Santamariense Mesquita. Este, em nome dos inativos, relembrou algo da Brigada de outrora. Saudou o elemento ativo da Fôrça. Depositou, na atual administração da Brigada, incondicional confiança face aos reais objetivos que o Coman-

do, Cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, vem conquistando para maior orgulho dos ativos e inativos.

A seguir o Cel. Ildefonso fez uso da palavra expressando seu contentamento em ver que os inativos não esquecem e sempre estão apreensivos com tudo que se refere à Brigada Militar.

Em rápidas palavras o Comandante Geral esplanou o que já foi feito e quais os planos futuros para o serviço policial-militar.

Encerrando a reunião, que foi algo de emocionante, o Presidente do C.O.I., fez, por meio das autoridades presentes, entrega de prêmios aos vencedores da Prova Hípica C.O.I.-B.M., que o Clube Farrapos dedicou àquela entidade.

Como mais nada houvesse a tratar, a diretoria do C.O.I encerrou sua reunião comemorativa ao 119º, com o pensamento voltado para a maior e mais perfeita união entre os camaradas da Brigada, oferecendo um coquetel aos presentes.



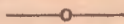
Em nome C.O.I. o Cel. Inativo Raul Mesquita, saúda o atual Comando da Fôrça.

A PIADA DA SEMANA:

Duas horas da madrugada. Na portaria, o porteiro sonolento atende um pedido de médico:

— Alô, por obséquio mandem o médico-de plantão à minha casa, que a minha espôsa está passando mal.

— O médico vai agora mesmo.



— Que tem a sua espôsa?

— Mandei chamá-lo Dr., pois ela tomou um purgativo ontem pela tarde e ainda não fez efeito.

Pano rápido.

Concluido mais um C. A. O.

Na manhã do dia 18, conforme estava previsto no programa de solenidades comemorativas ao 119.º ano de organização da Brigada Militar, realizou-se a entrega de diplomas aos oficiais que concluíram no corrente ano o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Os diplomados por este curso de ensino superior da Fôrça foram os seguintes: Capitães: Carlos Freire Miralha, Dirceu Assis Canabarro Trois, Edgar Menna Barreto, José de Souza Antunes, Manoel Jesus Machado de Barros, Messis Gurgel Nogueira, Diomário Mooien, Manoel Licurgo Pereira e Mário Luiz Feter.

1.º Tenentes: Benjamim Bernardes Tôrres, Jurandir da Silva Frota, Targino Gomes Jardim e Euclides Ferreira da Costa.

A turma tomou a denominação de "Cap. JOSÉ CARLOS DE SOUZA FRANCO", teve como paraninfo o Maj. do Exército e Instrutor do CAO, Jayme Moreno, e como homenageados de honra os Dr. Ildo Meneghetti, Governador do Estado; Cel. Walter Peracchi Barcellos, Secretário do Interior e Justiça; Cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, Comandante Geral da Brigada Militar; Ten. Cel. Manoel Monteiro de Oliveira, Chefe do Estado Maior Geral da Brigada Militar; e Ten. Cel. João Carvalho Carpes, Comandante do Centro de Instrução Militar.

Após a entrega dos diplomas e orações do paraninfo e orador da turma, foi lido o Boletim Especial do Comandante Geral da Corporação.

ENTREGA DE CONDECORAÇÕES

Dos festejos alusivos ao 119.º aniversário de organização da Brigada Militar, podemos destacar pela sua expressão a solenidade de entrega de condecorações a vários oficiais, cerimônia realizada na manhã de 19 de novembro no salão nobre do Quartel General e que contou com a presença do Governador do Estado, Secretários de Estado, Chefe do Estado Maior do III Exército, Representantes do Presidente da Assembléia Legislativa do Estado, Cmt. da 5.ª Zona Aérea, Presidente da Côrte de Apelação da Justiça Militar do Estado, Capitão do Pôrto, representan-

tes da imprensa falada e escrita e oficiais da milícia estadual.

Preliminarmente, o Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Ildo Meneghetti, condecorou com a medalha de ouro de "Serviço Policial Militar", ao Cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, Comandante Geral da Brigada Militar do Estado.

Após, o Cel. Ildefonso condecorou, com a medalha de "Serviços Distintos" o Cel. Walter Peracchi de Barcellos, Secretário do Interior e Justiça, e o Major Manoel de Barros Martins, da Polícia Militar do Distrito Federal, a seguir fo-

(Conclui na pág. 61)

esgrima:

TROFÉU TEN. CEL. ARLINDO SALZANO

Pelo 1.º Ten. Nelson Amorelli Viana



HISTÓRICO:

O troféu "Salzano" foi instituído em 1952 por iniciativa do atual Ten. Cel. Rui Stockler de Souza, Chefe do E. M. da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina, naquela época capitão, que conseguiu do Ten. Cel. Dr. ARLINDO SALZANO, então vice-governador de São Paulo, a instituição do troféu, para ser disputado em torneio de esgrima das três armas, entre oficiais das polícias militares. Essa prova de esgrima recebeu a denominação de "Torneio de Esgrima — Prova Ten. Cel Dr. Arlindo Salzano".

O primeiro torneio teve lugar a 5 de maio de 1952, data do aniversário da Polícia Militar de Santa Catarina, dele participando, apenas, as representações de Santa Catarina e de São Paulo, sagrando-se vencedora a equipe de São Paulo.

Em 5 de maio de 1953, tendo por sede, também, a Polícia Militar de Santa Catarina, realizou-se o 2.º torneio do qual participaram as representações de Santa Catarina; do Paraná; de São Paulo e a do Rio Grande do Sul, sagrando-se vencedora a equipe da P.M. de Santa Catarina. Nessa mesma ocasião os participantes das competições reunidos acordaram em que deveriam instalar um congresso por ocasião das competições, com a denominação de "Congresso de Confraternização

BRIGADA GAÚCHA

Desportiva das Polícias Militares", que deveria funcionar paralelamente com as competições do torneio Salzano. Naquele mesmo ano teve lugar, portanto, em Florianópolis o 1.º Congresso, que dentre outras deliberações assentou as seguintes:

1.º — Que o Torneio de Esgrima seria realizado, anualmente, na sede de uma das corporações disputantes, preferivelmente por ocasião do aniversário dessa corporação;

2.º — Que se deveria instituir outras modalidades esportivas a serem disputadas entre os elementos das corporações participantes do torneio, modalidades essas que poderiam, também, interessar ao círculo de sub-tenentes e sargentos e o de cabos e soldados.

Em consequência das deliberações acima ficou assentado:

1.º — Que a sede do 3.º Torneio e, consequentemente, do 2.º Congresso seria a Polícia Militar do Paraná; em agosto de 1954, por ocasião dos festejos do centenário daquela corporação;

2.º — Que seriam realizadas, além do torneio de esgrima, as seguintes competições desportivas:

a) — Tiro de revólver para oficiais sob o patrocínio da Polícia Militar do Estado do Paraná;

b) — Corrida de rua para o círculo de cabos e soldados (prova de equipes) sob o patrocínio da Força Pública do Estado de São Paulo.

Em agosto de 1954 realizou-se em Curitiba o 3.º Torneio de esgrima e 2.º Congresso de Confraternização Desportiva. Participaram das competições as equipes do Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Distrito Federal e Rio Grande do Sul. A equipe da Brigada Militar Gaúcha foi, desta feita, a vencedora absoluta da prova, pois, venceu nas três armas, enfrentando dentre outras, a poderosa equipe do Distrito Federal.

O 2.º Congresso contou com a presença além os esgrimistas, do Sr. Cmt. da Bda. Militar, o Cmt. Geral da P.M. do Paraná; Cmt. Geral da P.M. de Santa Catarina e dos representantes dos Cmts. Gerais da F.P. de São Paulo; Minas Gerais; Distrito Federal e Pará.

Nesse congresso foram ratificadas tôdas as deliberações dos congressos anteriores, ficando assentado que o 4.º Torneio de Esgrima e o 3.º Congresso de Confraternização, seriam realizados no ano de 1955, tendo por sede a Brigada Militar do Rio Grande do Sul, em 18 de novembro, quando se festejaria o aniversário da Corporação.

Não tendo sido possível realizar o Torneio no ano de 1955, a Bri-

gada Militar realizou-o em 18 de novembro de 1956, por ocasião do seu 119.º aniversário.

4.º TORNEIO DE ESGRIMA:

Por ocasião das solenidades comemorativas ao 119.º ano de organização da Brigada Militar, houve a 4.º disputa do Troféu Salzano nas armas de Florete, Espada e Sabre, pela P.M. de Santa Catarina e da Brigada .

Tôdas as provas foram realizadas nos salões do Petropole Tênis Clube, e tiveram a animação de grande assistência. Os resultados de-
veras satisfatórios foram os seguintes, por equipes:

Florete: Vencedora a equipe da Brigada Militar, constituída pelos seguintes oficiais: Maj. Pandolfo, Capitão Queiroz, Capitão Trois, e 1.º Ten. Amorelli.

Espada: Vencedora a equipe da Brigada Militar, constituída dos seguintes oficiais: Maj. Pandolfo, Capitão Trois, 1.º Ten. Cerqueira, e 1.º Ten. Nique.

Sabre: Vencedora a equipe de Santa Catarina, constituída dos seguintes oficiais: Ten. Cel. Ruy Stockler de Souza, Cap. Walmor Aguiar Borges, 1.º Ten. Hugo de Souza e Ledeny da Rosa.

Nas provas de armas individuais, foram os seguintes os resultados:

Florete — 1.º lugar: Cap. Mario Queiroz, da Brigada.

Espada — 1.º lugar: 2.º Ten. Ledeny da Rosa, da P.M.S.C.

Sabre — 1.º lugar: 1.º Ten. Hugo de Souza, da P.M.S.C.

Foi campeã do 4.º Torneio de Esgrima entre as Polícias Militares Brasileiras, a equipe da Brigada Militar, integrada pelos oficiais abaixo:

Major Carlos Pandolfo, Cap. Mario Queiroz, Cap. Dirceu Canabarro Trois, 1.º Ten. Ney Cerqueira, 1.º Ten. Nelson Amorelli Viana,
(Conclui na pág. 63)



Nas fotos, da esquerda para a direita, o Chefe da equipe catarinense passa as mãos do da gaúcha, o magnífico Troféu Salzano, que mais uma vez ficou com a Brigada. Uma cena com perigosa "flexa" catarinense. O Chefe do EMG da Brigada, faz entrega à equipe catarinense da taça que conquistaram na prova de sabre.



HIPISMO, SANTANA & O 119º

Na "Carrière Major Pujol", do 2.º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar, a Sociedade Hípica Santanense fêz realizar, na manhã do dia 18 de novembro, duas provas hípicas, sendo a primeira para garotos, e a segunda para oficiais da guarnição e do Regimento n.º 3 de Cavalaria, de Rivera.

Grande público se locomoveu, dos mais variados pontos da cidade, para assistir o belo espetáculo que a SHS realizou na pista de saltos do "2.º". E, aquêles que esperavam assistir a uma boa exibição do elegante e arrojado esporte equestre que é o hipismo, não foram frustrados em sua expectativa.

A PROVA "BRIGADA MILITAR"

Esta prova, constituiu-se numa homenagem da Sociedade Hípica Santanense à Brigada Militar, que naquele dia comemorava, festivamente em todo o Estado, a passagem do seu 119.º aniversário de organização.

Competiram oficiais do 7.º RC do Exército Nacional, do RC n.º 3 do Exército Uruguaio e do nosso 2.º RC.

A prova, de classe B, teve em seu longo percurso obstáculos armados com 1,30 de altura e 3 metros de "bôca".

O resultado final foi o seguinte:

- 1.º lugar: Alferes Viar, montando Pampa — do RC n.º 3;
- 2.º lugar: Capitão Otacilio, montando Tom — do 2.º RC;
- 3.º lugar: Tenente Pujol, montando Anú — do 2.º RC; e
- 4.º lugar: Capitão Jansen, do 7.º RC.

CHURRASCO

Após as competições como parte das comemorações santanenses em regosijo ao 119.º, a "Estância Velha da Tradição" organizou uma churrascada em seu galpão, seguida de agradável reunião dançante.

Mais Pesado Que o Ar

Ano Santos Dumont

Como parte integrante das comemorações do Ano Santos Dumont, foi realizada no dia 17 de outubro, na sala de conferências do Quartel General da Brigada, uma palestra proferida pelo Ten. Cel. Aviador Luiz Gomes Ribeiro, que abordou o tema: MAIS PESADO QUE O AR.

Assistiram a referida conferência, o Sr. Secretário do Interior, Cel. Walter Peracchi Barcellos; Cel. Aviador Jacinto Pinto Moura, Comandante Interino da 5.^a Zona Aérea; Cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, Comandante Geral da Fôrça; Ten. Cel. Raimundo Chaves, Chefe de Polícia; Comandante de Corpos e Chefes de Serviços, oficiais da Fôrça Aérea e da Brigada Militar.

O conferencista que prendeu a atenção dos ouvintes pelo espaço de duas horas, ao finalizar sua brilhante palestra, foi muito cumprimentado pelos presentes.

Após a conferência, a Brigada Militar ofereceu, em seu salão nobre, um coquetel em homenagem aos oficiais da FAB.



Na foto de Dionísio Silva, o Ten. Cel. Aviador Luiz Gomes Ribeiro, quando proferia sua palestra sôbre o MAIS PESADO QUE O AR.

Homenagem ao

CEL. ILDEFONSO

PELO TRANSCURSO DE SEU NATALÍCIO



Por motivo do aniversário natalício do Cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, transcorrido no dia 14 de outubro próximo passado, o ilustre Comandante Geral da Brigada Militar foi alvo de significativas manifestações de aprêço.

Destacou-se, entre outras, a homenagem que lhe prestaram os oficiais da Corporação, e que constou de um galetto realizado nos salões do Restaurante Universitário da FEURGS, ao qual compareceram o governador Dr. Ildo Meneghetti; General de Exército Edgar do Amaral, Comandante do 3.º Exército; Cel. Aviador Jacinto Pinto Moura, Comandante interino da 5.ª Zona Aérea; Cel. Walter Peracchi Barcellos, Secretário do Interior; Desembargador Brustoloni Martins; Capitão de Fragata Edy Spellet, Capitão do Pôrto; Ten. Cel. Raimundo Chaves, Chefe de Polícia; Ten. Cel. Manoel Monteiro de Oliveira, chefe do Estado Maior Geral da B. M., comandantes de corpos, chefes de serviços, representantes da imprensa, e os oficiais com suas famílias.

Em nome dos homenageantes usou da palavra o Coronel Eranani Ferraz Machado, chefe do Serviço de Fundos, que fez uma análise das realizações do atual comandante da Brigada Militar e enalteceu suas qualidades de cidadão, oferecendo ao Cel. Ildelfonso, a findar sua oração, um artístico cartão de prata, lembrança da oficialidade brigadiana ao seu comandante.

Nas fotos de Dionísio Silva, vemos o homenageado agradecendo a solenidade, e parte dos homenageantes acompanhados de suas famílias.



ENTREGA DE ... (conclusão)

ram condecorados com a medalha de "Serviço Policial Militar": os Cel Eranani Ferraz Machado, Tens. Cels. João Olavo Urquia Castagna, Manoel Monteiro de Oliveira, Wilson Odilon Tôrres, Florêncio José de Oliveira, Antônio Martins, José Lanes Velasques, Max Herbert Hanke, Brasilino Rodrigues da Silva, João Carvalho Carpes, Alfredo Rosa Prestes, Arthur Dornelles da Silva, Jardini Tombesi, Aldo Cortez Campomar, Aristides Monteiro, Otávio Machado, e Ruy Gaspar Martins; majores Silanus

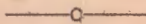
Monteiro Seréfin, Cezário Lorandi Filho, Ary Costa Mariante e Solon Pelandra Franco; Capitães Plínio Figueiredo Pinto e Octavio Frota.

Finda a cerimônia, foi servido aos presentes um coquetel, ocasião em que fez uso da palavra o Cel. Ildelfonso Albuquerque, Cmt. Geral da milícia Estadual e em brilhante oração discorreu sobre a efeméride. A seguir, falou em nome do Governo do Estado, o representante do Presidente da Assembléia Legislativa Estadual.



PENITENCIARISMO

CONFERÊNCIA DO TEN. CEL. MONTEIRO AOS OFICIAIS DA BRIGADA



Realizou-se na sala de instrução do Quartel General da Brigada Militar, uma conferência proferida pelo Ten. Cel. Manoel Monteiro de Oliveira, Chefe do Estado Maior Geral da Fôrça, intitulada: PENITENCIALISMO. O Cel. Monteiro, que abordou o assunto com proficiência e brilhantismo, prendeu a atenção da assistência pelo espaço de duas horas, deixando-a encantada com o “ideal” penitenciarismo, ou seja, a doutrina e instalações empregadas na Penitenciária de Neves, no Estado de Minas Gerais.

Esclarecemos aqui, que graças a uma visita do Chefe do Estado Maior a Minas Gerais, pudemos aprender, por meio desta clara, e simpática palestra, coisas novas para substituir as velhas regras penitenciárias que empregamos.



Compareceram à conferência o Cel. Ildefonso, Comandante Geral; Cel. José Martins, Presidente da Côrte de Apelação da JME; Dr. Clio Fiori Druk, Juiz Togado da Justiça Militar do Estado; Representante do Secretário do Interior, Cap. Hélio Moro Mariante; Comandantes de Unidades e Chefes de Serviços; e grande número de oficiais de tôdas as Unidades sediadas nesta Capital.

ESGRIMA . . . — (conclusão)

1.º Ten. Walter Nique, 2.º Ten. Fernando Farias da Rosa, e 2.º Ten. Alcides Silva.

3.º CONGRESSO DE CONFRATERNIZAÇÃO

O 3.º Congresso de Confraternização foi realizado no dia 22 de novembro, e ficaram assentadas diversas novas normas para os futuros desenrolar das provas de esgrima.

Ficaram, também, instituídas diversas outras provas para serem disputadas entre os oficiais e praças das Polícias Militares Brasileiras. Entre elas: a Prova de Tiro — FO — para oficiais, com a denominação de Cel. Walter Peracchi Barcellos, e patrocinada pela Brigada Militar. Prova de Tiro — FO — para sargentos, patrocinada pela Polícia Militar de Santa Catarina. Corrida de Revezamento para cabos e soldados, também patrocinada pela P. M. de Santa Catarina.

Estas provas, e o 5.º Torneio de Esgrima, deverão ser realizados no próximo ano de 1957, no Estado de Santa Catarina, e patrocinado pela Polícia Militar daquele Estado.



O MINISTRO DA GUERRA

Visita a Brigada Militar

A 11 de dezembro, o General de Exército Henrique Teixeira Lott, Ministro dos Negócios da Guerra, em companhia do Exmo. Sr. General Nestor Oliveira, Comandante da 6.^a D.I., esteve no QG da Brigada Militar, em visita de cortesia ao Comandante Geral da Fôrça.

O Cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, em companhia do Ten. Cel. Manoel Monteiro de Oliveira,

e dos oficiais que servem no Quartel General, receberam o titular da Pasta da Guerra no Salão Nobre.

O General Lott, após ter sido apresentado aos oficiais, saudou a Brigada Militar, dizendo que já conhecia a tradição da Fôrça, e os laços de camaradagem que ela mantém com o Exército Nacional, pois ambos lutam pela mesma causa, isto é, o engrandecimento da nossa Pátria.



Na foto, o Gal. Lott cumprimentando os oficiais do EM, AG, e SF.

Patrono da Brigada Militar

Tendo transcorrido em outubro mais um aniversário do falecimento do Cel. Afonso Emilio Massot "Patrono da Brigada Militar", realizou-se, promovida pela Brigada Militar, uma romaria ao túmulo do ilustre militar, no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia. Compareceram às solenidades o exmo. Sr. Cel. Walter Peracchi Barcellos, o coronel Ildefonso Pereira de Albuquerque, os Comandantes de Corpos e Chefes de Serviço e grande número de oficiais. Após ter sido colocada sôbre o túmulo uma coroa de flores, pelos Exmos. Srs. Secretário do Interior e Comandante Geral da Brigada Militar, foi executado o toque de silêncio.



Na foto, um aspecto da romaria ao túmulo do Cel. Afonso Emilio Massot.



O Comandante da P. M. Catarinense visita a Brigada

Recebido pelo Comandante Geral e oficiais de seu Estado Maior, esteve no dia 26 de novembro em visita ao Quartel General da Brigada, o Coronel Mario Fernandes Guedes, Comandante Geral da Polícia Militar de Santa Catarina, que se fazia acompanhar de seu ajudante de ordens 2.º Ten. Rogério Affonso Schmidt.

Naquela oportunidade observou a organização e funcionamento dos

diversos órgãos da Fôrça, demonstrando-se em suas observações nas diversas secções do Estado Maior, Ajudância Geral, Serviço de Fundos, e Serviço de Saúde e Veterinária, ficando favoravelmente impressionado com tudo que lhe foi dado observar.

O coronel Guedes, teve também oportunidade de visitar inspecionando minuciosamente as Unidades e Serviços da Brigada Militar.

Homenagem do Banco Hipotecário
Lar Brasileiro

Pavilhão Nacional à Cia. de Pol. "Pedro e Paulo"



Com o comparecimento do Eng. Ildo Meneghetti, Governador do Estado, Cel. Walter Perachi de Barcellos, Secretário do Interior, dos Chefes de Polícia, Comandante Geral da Brigada Militar, Chefe do Estado Maior, Cmts. de Unidades, autoridades civis, militares e eclesiásticas, teve lugar na manhã de ontem, a entrega da Bandeira Nacional à Cia. de Polícia dos "Pedro e Paulo", oferta do ilustre Dr. M. H. Wilasco, na qualidade de Gerente do Banco Hipotecário Lar Brasileiro.

Após um eloqüente discurso do Dr. Wilasco, cheio de elogiosas referências à Brigada Militar e aos "Pedro e Paulo", cognominados de verdadeiros amigos do povo de Pôrto Alegre, procedeu S.S. a entrega do Pavilhão Nacional ao Cap. Octávio Frota, Cmt da Cia..

Na ocasião foi procedida a benção da Bandeira pelo vigário da Paróquia de São Jorge.

O Cap. Frota em nome do Comando Geral da Brigada e em nome dos "Pedro e Paulo" agradeceu a honrosa deferência do Gerente do Banco Hipotecário Lar Brasileiro, em ofertar tão valioso e querido mimo à novel Unidade da Milícia Gaúcha.

Passaram em seguida as autoridades ao salão de recepção da Cia. onde foi servida uma taça de champagna.

Usou da palavra o Vereador Célio Marques Fernandes, que teceu um hino de louvores à organização especializada policial da Brigada, declarando entre outras palavras: "dentre em pouco chegará o dia em que todo o organismo policial ostensivo será entregue à Brigada Militar, Corporação policial em condições de assumir tal encargo, graças a formação de seu pessoal e ao conceito de que goza no Rio Grande do Sul".

Após uns minutos de agradável palestra foi encerrada esta solenidade em que um dos principais Estabelecimentos de Crédito, o Banco Hipotecário Lar Brasileiro homenageou os "Pedro e Paulo", da Brigada Militar.

Despediu-se da Brigada Militar

O General

Edgar do Amaral

O General de Exército Edgar do Amaral, por haver deixado o comando do 3.º Exército, esteve no Quartel General da Brigada Militar, a fim de apresentar suas despedidas ao Cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, Comandante Geral da Fôrça, e aos Oficiais de nossa Corporação.

S. S. foi recebido no Salão Nobre, pelo Cel. Ildefonso, Ten. Cel. Manoel Monteiro de Oliveira, Comandante de Corpos, Chefes de Serviços, e oficiais do Estado Maior, Ajudância Geral e Serviço de Fundos.

O Cel. Ildefonso Pereira de Albuquerque, após agradecer a honra da visita, enalteceu as qualidades do General Edgar do Amaral e, em nome da nossa Polícia Militar, ofertou-lhe uma lembrança, almejando-lhe feliz êxito nas novas funções que irá assumir no Departamento do Pessoal do Ministério da Guerra.

Usando da palavra, o General de Exército Edgar do Amaral agradeceu a cooperação que recebeu da Brigada Militar durante seu Comando a testa do 3.º Exército, lembrando que a Fôrça Estadual, cuja tradição ecoa longe, soube sempre cumprir com o seu dever e que, em 1955, quando a Nação Brasileira atravessou dias sombrios, soube manter suas belas tradições de Fôrça ordeira e disciplinada. Ressaltou ainda, S. S., os méritos do Cel. Ildefonso, como Comandante Geral da Fôrça Estadual, e se referiu ao Exmo. Sr. Governador do Estado, nos seguintes têmos: "Felizmente, os senhores tem a testa do Govêrno do Estado, um homem sereno, um homem calmo, um grande brasileiro, que faz questão de que o Rio Grande do Sul se orgulhe de ser Estado do Brasil, e não, que o Brasil se orgulhe de tê-lo como Estado".

Cedo ou tarde os países acabam reconhecendo que uma fôrça policial de primeira categoria é indispensável para a manutenção da ordem e proteção dos fraços.

O CEL. AGENOR B. FEIO

Na Brigada



— x —

Uma das honrosas visitas que tivemos à honra de receber em nosso salão nobre, foi o Exmo. Sr. Deputado Federal Cel. Agenor Barcelos Feio.

O Cel. Feio, é largamente admirado pela tropa brigadaina, pois dela reformou-se após prestar durante muitos anos relevantes serviços.

Na foto ao lado, o Cel. Feio, entre os oficiais superiores da Fôrça, falando de sua satisfação em visitar o sul, e sua Brigada Militar.



Dia 15 de outubro estêve em visita de cortesia no Quartel General, o Capitão de Fragata Mario de Campos Esposel, Comandante do Navio Escola "Guanabara", da Marinha de Guerra do Brasil. (Desta fragata estamos publicando em nossa última capa uma fotografia que nos foi oferecida pelos tripulantes da mesma).

O ilustre visitante, que foi recebido no salão nobre da Fôrça pelo Comandante Geral e Chefe do Estado Maior, foi também apresentado aos oficiais integrantes do EMG e AG.

O CAP. DE FRAGATA ESPOSEL VISITA A FÔRÇA



Brigada Gaúcha

Administração e Redação: QG
da Brigada Militar — Rua dos
Andradas n.º 522 — Pôrto
Alegre — RGS — Brasil.

ÓRGÃO OFICIAL DA BRIGADA MILITAR

Fundada em 22-7-54 — Registrada no C. R. E. sob n.º 283

ANO III — DEZEMBRO DE 1956 — N.º 12

DIRETOR e GERENTE — **Maj. Samuel Franz Wagner**
REDATOR e TESOUREIRO — **2.º Ten. Emílio João P. Neme**
SECRETÁRIO — **2.º Ten. Carlos Jonatas Spalding**

* * *

AGENTE DE PUBLICIDADE — **2.º Ten. Danilo M. de Barros**
DESENHISTA — **Sgt. Artur de Tomazi Rosa**
FOTÓGRAFO — **Sr. Dionísio Horácio da Silva**

* * *

A revista não assume responsabilidade das idéias e juízos emitidos nos artigos assinados, bem como a sua publicação não representa solidariedade de parte da revista aos conceitos que nêles se contêm.

A revista não restitui colaboração rejeitada, bem como não contém correspondência a respeito da mesma.

* * *

NOSSA CAPA

Na primeira capa desta edição, apresentamos uma montagem alegórica a entrega dos Espadins TIRADENTES aos cadetes da Fôrça. Em primeiro plano, o Espadim nas suas côres naturais, ao fundo, a turma de cadetes desfilando com seus espadins em continência às autoridades presentes à solenidade de entrega do mesmo

Na última capa, uma foto do galera Navio Escola GUANABARA, cujos tripulantes nos honraram, por ocasião de sua passagem por Pôrto Alegre, com cordial visita.

* * *

Tiragem 9.000 exemplares

Composta e impressa nas oficinas gráficas da IMPRENSA OFICIAL
Publicação Bimensal

